

PREÂMBULO

CRISTIANISMO MAGNIFICENTE

Por maiores as vicissitudes ocorridas na trajetória do Cristianismo – até mesmo sua deturpação, tentativas de usurpação e negação – a mensagem do Senhor permanece inabalável, inexpugnável, imutável, sempre jovem, genuína, atual, singular, eterna. Água impoluta, pão da vida, corpo místico a saciarem a humanidade até a consumação dos séculos. A Palavra do Senhor - o Evangelho das insondáveis riquezas (Ef 3,8), pedra angular da civilização - não se prende a exterioridades, a interpretações complexas, a particularidades por mais douradas, porquanto sempre gloriosa, restauradora, acessível a todos, mormente aos simples, causando assim perplexidade aos eruditos e aos poderosos . em todos os tempos.

O Evangelho é vivência, renúncia, reforma íntima, reafirmação, fraternidade, transformação de fé e sentimento, comprometimento a cada momento. É cura, glorificação, evolução, não apenas culto, paredes e portas abertas com interiores por vezes faraônicos. “O Evangelho requer de todos nós uma dupla atenção: à vida e ao infinito. A vida está dentro do infinito e o infinito está dentro da vida; o Eterno brilha no instante e o instante brilha no Eterno – num Advento sem fim” (Ermes Maria Ronchi, celebrado sacerdote e teólogo católico italiano) Cristo é a cabeça da Igreja Universal e Igreja subentendendo devoção, missão, aliança incorruptível. O Senhor tem sempre uma mensagem para nós – de paz, de esperança, acolhimento, dignidade, fortaleza, de construção da cidadania espiritual - jamais se coadunando ou se contaminando ante os pregoeiros de autoenganos e heresias.

A Revelação Cristã acha-se intimamente ligada e ancorada na indelével realidade universal, nos mais diferentes campos da cultura e do conhecimento, onde as partes – na afirmação do teólogo Thomas Reid – se organizam num Design Perfeito, permitindo o funcionamento do Todo, do Pleno. Toda obra, por mais simples, infere e revela as marcas da sabedoria, inteligência, magnificência e poder do Criador.

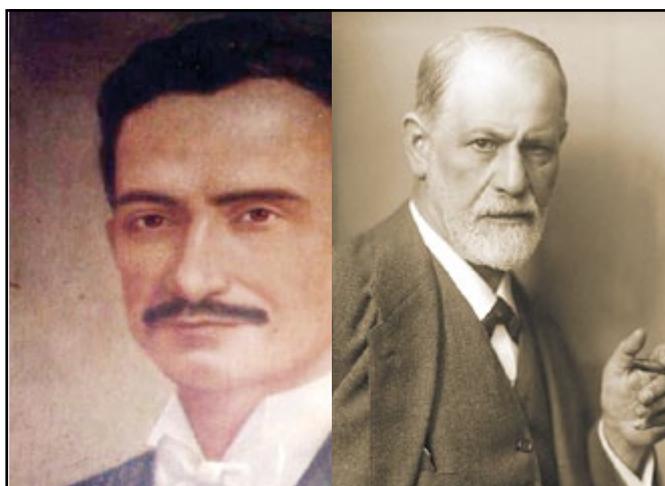
O Senhor se faz presente e agente do processo histórico, reconfigurando e reordenando a nossa existência, legando-nos sempre o sabor da esperança, da dignidade e da vida florescente. Novas sementes nos são ofertadas a cada dia, novos grãos lançados ao solo, ainda que as raízes demorem a se firmar e os frutos a se encher. Deus nos quer excelência espiritual, reforma na fé ação e consciência, mas não nos impõe performance automatizada, não nos força a competitividade desenfreada, não nos exige perfectibilidade espetacularizada. Ele nos sabe ainda débeis na fé e que nossa caminhada restaurada e restauradora é degrau a degrau, passo a passo. Sua palavra, quantas vezes, nos é surpreendente, falando-nos de tribulações, de que o exílio perdura (Jr 25) de que temos que completar a carreira (At 20:24).

Walter Hilton, teólogo medieval, assim se refere à nossa ascensão espiritual: “É necessário primeiro ser curado da enfermidade espiritual. Um homem, ainda que perto da morte, pode ser curado, mas não poderá levantar-se prontamente como se dotado de plena saúde. Ele tem que tomar os remédios prescritos pelo médico e se mover de degrau em degrau”.

A educação em São Tiago

Não há História comunitária sem Ensino. E em São Tiago a Educação teve papel primordial. Em artigo colaborativo, Elizabeth Santos vasculha e reconta a trajetória educacional da Terra do Café com Biscoito passando pelos 105 anos do lançamento da Pedra Fundamental da Escola Estadual Afonso Pena Júnior.

Pág. 4



Farias Brito e Freud

Mais do que a distância geográfica, havia também uma distância contextual. Freud foi um psicanalista austríaco, cosmopolita, vindo de família nobre. Farias Brito um filósofo brasileiro, de origem interiorana e pobre. Pensamentos e teorias, porém, têm traços comuns entre os dois.

Pág. 18

Chico Brugudum

“Como chave da existência, os pais do Chico deram-lhe, em menino, o ofício de carpinteiro, mas não se ajeitando com a profissão compulsória, jamais levou a sério a enxó e o serrote. Preferia os botequins, onde não apenas bebericava, como também ia aprendendo a verumarrar as pessoas, sobretudo as honestas, irreverente com as autoridades, as quais, a seu modo, se comprazia em ridicularizar”. Diz a história popular que duas de suas “vítimas” eram os são-tiaguenses Dr. Antonio e Dr. Augusto Viegas.



Pág. 20

ADIVINHAS

1- Eu falo sem boca e ouço sem ouvidos. Eu não tenho corpo, mas vivo com o vento. O que eu sou?

2- Eu tenho cidades, mas não tenho casas. Eu tenho montanhas, mas não há árvores. Eu tenho água, mas não tenho peixes. O que eu sou?

3- Eu venho de uma mina e me envolvo sempre com madeira. Todo mundo me usa. O que eu sou?

Respostas: 1 - um eco; 2 - um mapa; 3 - um lápis

Provérbios e Adágios

- De palma e capela sepultam-se crianças e donzelas.
- Nem Deus com um gancho e o diabo com um garrancho (algo muito difícil de se fazer).
- Entre, amigo, a casa é sua, mas se for pra fiado, é melhor ficar na rua...
- És tão hipócrita que choras pelo olho de vidro.

Para refletir

- O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram (*Jean Piaget*)
- Não basta leitura sem unção; não basta especulação sem devoção; não basta pesquisa sem maravilhar-se; não basta a circunspeção sem o júbilo; o trabalho sem a piedade; a ciência sem a caridade; a inteligência sem a humildade; o estudo sem a graça (*São Boaventura - 1211-1274*)
- Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta o nosso edifício interno (*Clarice Lispector*)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

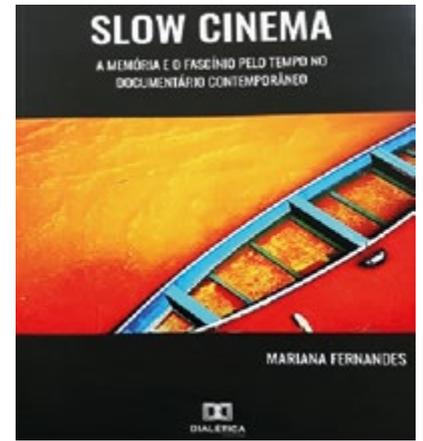
Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

NOTA LITERÁRIA:

O livro "SLOW CINEMA: A memória e o fascínio pelo tempo no documentário contemporâneo" é de autoria da jornalista são-tiaguense Mariana Fernandes. Ele é o resultado de avançada pesquisa e estudos na área de artes, filosofia e comunicação sobre Cinema (conteúdo inédito). Parabéns a autora que vem enriquecer a galeria de escritores são-tiaguenses.



AS IDADES DO HOMEM SUBTRAÍDAS DOS ANIMAIS

(Fábula popular antiga)

Deus criou o burro e disse-lhe: "Obedecerás ao homem, carregará fardos nas costas e viverás 30 anos. Serás burro". O Burro respondeu ao Criador: "Senhor! Ser burro, obedecer ao homem, carregará fardos nas costas e viver 30 anos?! É muito! Bastam-me apenas 10".

Deus criou o cachorro e disse-lhe: "Comerás o osso que te jogarem no chão, tomarás conta da casa do homem e viverás 20 anos. Serás cachorro". Respondeu o cachorro ao Criador: "Senhor! Tomar conta da casa do homem, comer o que me jogarem no chão e viver 20 anos! É muito... Bastam-me 10".

Deus criou o macaco e disse-lhe: "Pularás de galho em galho, farás macaquices e viverás 20 anos. Serás macaco". O macaco virou-se para Deus e disse: "Senhor! Pular de galho em galho, fazer macaquices e viver 20 anos?! É muito. Bastam-me 10 anos".

E Deus fez o homem e disse-lhe: "Serás o rei dos animais, dominarás o mundo, serás inteligente e viverás 30 anos". O homem respondeu ao Criador dizendo: "Senhor! Ser rei dos animais, dominar o mundo, ser inteligente e viver apenas 30 anos?! É muito pouco! Os 20 anos que o burro não quis, os 10 anos que o cachorro recusou e os 10 que o macaco não está querendo, dai-os a mim para que viva pelo menos 70 anos".

E Deus atendeu ao homem, sob condições que o homem sem pensar aceitou.

Dessa forma, até os 30 anos, o homem vive a vida que Deus lhe deu originalmente. É homem. Dos 30 aos 50 anos, casa-se e carrega os fardos nas costas para sustentar a família. É sua fase de burro. Dos 50 aos 60 anos, já cansado, passa o tempo a tomar conta da casa. É a fase de cachorro. Dos 60 aos 70, mais cansado ainda, ele passa a vida aqui e ali, na casa de um filho ou de outro e faz gracinhas para as crianças rirem. É a fase de macaco...

Autor desconhecido



Realização:



Apoio:



AO PÉ DA FOGUEIRA

DR JOSÉ NAVARRO E A CASA NOTURNA

Nosso conterrâneo, José de Alencar Navarro⁽¹⁾, odontólogo por profissão, residente em Belo Horizonte, era homem de largas relações pessoais, sociais e profissionais, ligado, ademais, a instituições culturais, classistas, amigo pessoal de altas autoridades do Estado. Exercia ainda as funções de inspetor de ensino federal. Praticamente nascera com a Capital mineira, ali atuando desde a década de 1920, quando Belo Horizonte, com poucos anos de surgimento, ainda engatinhava como metrópole. Homem que, podia-se dizer, crescera com a cidade.

Domiciliando-se, certa época, com a família na região central da cidade (pelas ruas Guarani e Tamoios, ao que se sabe), deparou com crucial problema: a existência de um refinado bordel ou “rendez-vous”, nas adjacências, travestido de casa noturna, *saloon* ou *night club*. Um dos centros mais badalados da boemia da capital. Uma rotina confusa, entra-e-sai de frequentadores e de veículos, alta frequência de luzes e sons, cujo funcionamento, madrugada adentro, importunava a toda vizinhança e transeuntes. Dali diziam-se coisas do arco-da-velha, histórias libidinosas de deixar no chinelo os prostíbulos e as termas de Pompeia, na antiga Roma.

Era o sol se por e eis o burburinho nos portões da festiva casa, principiando e crescendo, a cada momento, a movimentação de usuários, que se estendia praticamente até o raiar do dia seguinte. Flashes coruscantes, mulheres sensuais, convites à freguesia a se divertir com chamativos “momentos inesquecíveis das mil e uma noites” na “casa noturna mais quente” e do “mais alto nível da Capital” conforme a publicidade ali exposta. Tornara-se ali, segundo comentários, um ponto de rufiões, proxenetas, alcoviteiros, gente ligada ao lenocínio, uma escória repugnante, marginalia sórdida, ainda alguns – senão muitos – da alta sociedade. Menores eram aliciadas. Proliferavam borboletas e damas da noite. Clientes abastados, abestalhados – empresários, homens de negócios, magistrados, políticos, até mesmo delegados, os nossos “homens bons” ali faziam ponto⁽²⁾, à procura de aventuras impudicas, inconfessáveis...

José Navarro, homem probo e de rígidos princípios morais, procurou, já no primeiro dia, o proprietário do saloon. Expôs-lhe sua insatisfação com o barulho da casa, noite inteira, perturbando-lhe o sono e de seus familiares, rogando-lhe moderação e respeito à lei do silêncio. Foi ridicularizado, sofrendo vários tipos de remoques e zombarias, praticamente posto porta afora do estabelecimento pelos truculentos seguranças. Já na rua, informou, alto e bom som, ao proprietário e vigilantes: “Sou homem teimoso, chato, mineiro daqueles de fibra... O ferrinho de dentista vai funcionar... Vocês aguardem...”

Retornou, ainda assim, no dia seguinte, queixando-se da balbúrdia, do som estridente, impedindo-o, a seus familiares e demais moradores da região do direito de descanso noturno. Novamente escorraçado. José Navarro era amigo pessoal das mais altas autoridades do Estado e da Capital, inclusive do chefe da Polícia, e do famoso delegado Franzen de Lima, além de excelentes contatos na imprensa, a quem recorreu, expondo-lhes o fato.

Daí a três ou quatro dias, madrugada adiante, casa noturna radiante, lotada, com grande número de frequentadores da alta sociedade, frivolités à solta, todo o quarteirão é fechado pela polícia. Uma batida rigorosa em bares, boates e lupanares da região central. Estardalhaço: sirenas abertas, imprensa com flashes acompanhando toda a operação. Na casa noturna, são encontradas várias menores ali prostituídas e todos os frequentadores, incluindo figurões, sob apulpos de moradores, são levados à delegacia e constrangidos a prestar depoimentos. Proprietários presos. Na manhã seguinte, toda Belo Horizonte passa a comentar o rumoroso assunto, matéria exposta em todos os noticiários da imprensa. A casa é lacrada e vem a encerrar suas atividades naquele local. Teimosia, ferrinho de dentista tem lá seu devido valor e...dor!



NOTAS

(1) José de Alencar Navarro, nascido aos 10 de março de 1900, batizado na matriz de São Tiago, aos 25 dias do mesmo mês e ano, filho de Bráz Navarro e Maria Theófila de Jesus, sendo padrinhos João Pereira Santiago e Anna Virginia de Andrade. Vigário Pe. Júlio José Ferreira (Livro 04, fls. 52 – Registro de batismos da paróquia de São Tiago). O Dr. José Navarro casou-se em Itapeçerica com Affonsina Greco, tendo os filhos Braz, Newton, Paulo, Mirtes...

O historiador Augusto Viegas informa-nos “Formaram-se em odontologia (...) José de Alencar Navarro que a exerceu até seu sentido falecimento ocorrido no dia 15 de julho de 1968” (“Notícia Histórica do Município de São Tiago” p. 44).

(2) Lidamos numa sociedade hipócrita. A historiadora Mary Del Priori esclarece em seu livro “Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil” (Ed. Planeta 2011): “Sociedade que vigiava a nudez, mas olhava pelos buracos da fechadura... Que impunha regras ao casal, mas liberava os bordéis”.

Um teatro de crueldade social, de incoerência, de excrecência por parte de autoridades, frequentadoras, quando não financiadoras, de prostíbulos. Pregam valores familiares e fazem totalmente o contrário em sua vida cotidiana oculta. O escritor Francis Ponge ridiculariza-os: “Le sérieux défait” (seriedade descida) ou os “joli cœur” (os “certinhos”) são os “grandes santos! Grandes heróis de belo traseiro na estrebaria” (Livro “Francis Ponge – o objeto em jogo” – autoria de Leda Tenório da Motta).

Por aqueles tempos, final da década de 1920, foram estabelecidas regras de circulação e conduta para prostitutas e vigilância de casas de tolerância, cabendo às delegacias e até mesmo dispensários sífilíticos atuarem no controle e regulamentação da “vida livre” na Capital mineira. Período do final da Primeira República, onde o controle estatal sobre a sociedade se ampliou, em particular no chamado “mundo do prazer”, implicando na conformação de um rígido projeto de policiamento e de “moralização dos costumes”. A política governamental-policial era sustentada por um forte discurso moralizador, reforçado pelo posicionamento médico-científico da época, por razões profiláticas (período de incidências de tuberculose e doenças venéreas) que considerava inapropriado e não homogêneo o exercício do meretrício.

O Brasil – como tantos outros países sulamericanos – receberia, no final do século XIX e inícios do século XX, um grande número de imigrantes (cerca de 50 milhões em poucas décadas), aqui aportando igualmente falsários, golpistas, anarquistas, contrabandistas e traficantes inclusive de “escravos brancos”. Centenas e centenas de mulheres, aliciadas em regiões pobres da Europa, para aqui foram traficadas por organizações criminosas, expostas/forçadas à prostituição. O jornal “Estado de Minas” de 16/09/1928 publicou matéria, sob o título “Mercado de moças”, sobre o desmantelamento de uma rede de tráfico internacional de mulheres que funcionava sob a fachada de “empresa de teatro, dança e diversões”. Mulheres estrangeiras eram convidadas e ardilosamente enganadas, para trabalhar no Brasil por “empresários do setor artístico” ou “proprietários de casas de teatro e danças” – na verdade, cáffens e contraventores internacionais de alta periculosidade que as traficavam para cabarés, bordéis e até mesmo para “venda”. Aqui chegando, eram forçadas a se prostituir ou então vendidas e revendidas para comerciantes (denúncia da jovem estoniana Anna Klaus, que informou à polícia ter sido comprada por um comerciante de peles e por este revendida a um tal Miguel, preso pela polícia mineira – valores das operações de 10\$000 e 20\$000 respectivamente – jornal “Estado de Minas” 16/09/1928, p. 8). O mesmo jornal EM, edição de 17/05/1929, p. 6 relata outro caso de escravatura branca – a alemã Lia Rohn fez contra o cidadão Tiago Paulo de Figueiredo por lenocínio, corrupção, escravidão financeira e sexual, além de agressões várias.

Belo Horizonte receberia, pois, um grande número de estrangeiros, das mais variadas nacionalidades, atraídos pela nova capital, envolta, então, em trabalhos de terraplanagem, abertura de ruas, edificação de prédios. Italianos, portugueses, “turcos” (sírio-libaneses), franceses, espanhóis, alemães, austríacos, dentre outros, para aqui se dirigiram, tendência migratória que viria a expandir, até nós, as rotas de prostituição e de escravidão branca. Em Minas Gerais, a partir da reforma administrativa promovida em 1927 pelo governador Antonio Carlos de Andrada, as autoridades reagiram ao fato, destacando-se o delegado Edgar Franzen de Lima, responsável pela Delegacia de Costumes, profissional de renome na área do direito, graduado pela famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, promovendo vigoroso combate à prostituição, jogos, tráfico de mulheres, criminosos etc. O seu excessivo e abusivo zelo atingiria igualmente as religiões e culturas de matriz afrobrasileira, espiritismo, magia e por aí afora... Manifestações amorosas e afetivas no espaço público, ainda que entre casais ou namorados, passaram a ser férrea e indistintamente reprimidas. Igualmente, casos de embriaguês, festas ruidosas eram estopins para a intervenção policial, muitas delas prepotentes e exibicionistas. Eram, então, os tempos da chamada defesa da moral, dos bons costumes e da civilidade. As ações do delegado Franzen de Lima à frente da Delegacia foram consideradas “absurdas e obtusas” (jornal “Estado de Minas” de 22/09/1928), embora o próprio Secretário da Segurança Pública, José Francisco Bias Fortes, entendesse tais medidas repressivas, inclusive as ligadas ao comportamento de meretrizes, como “necessárias para se produzir influência educativa”).

REGISTROS SOBRE A EDUCAÇÃO EM SÃO TIAGO

19 DE MARÇO 105 ANOS DO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIOR

Elizabeth Marcia dos Santos
 Mestre em História Social
 E-mail: bethsantos1998@yahoo.com.br

Abolir a escravidão era mais um passo rumo à modernização, mas não era o único, fazia-se necessário investir na infraestrutura das cidades, cuidar das questões sanitárias e substituir o negro pelos imigrantes. Enquanto estes eram uma representação da modernidade, aqueles eram uma lembrança do atraso do país.

Por isso, o pós-abolição foi pensado de forma a excluir o homem negro da política, educação e economia. Era mais uma vez a elite brasileira pensando e agindo a seu próprio favor. Mas no projeto modernizador não só os negros ficaram esquecidos, aos homens pobres e as mulheres foram também destinados a um papel secundário em relação às políticas educacionais.

A ideia de uma escola nova para a formação do homem novo articulou-se com as exigências do desenvolvimento industrial e o processo de urbanização. O fenômeno de âmbito mundial foi alimentado pela circulação de ideias e modelos gerados nos países ditos “civilizados” na época.

Se no século XVIII a ideia de educação para as camadas mais baixas da população esteve profundamente associada à difusão da doutrina cristã e da formação profissional como meios de controle, e seria realizada, predominantemente, em instituições de natureza caritativa, ligadas a ordens religiosas. O ensino das primeiras letras visava, fundamentalmente, facilitar o aprendizado da doutrina, sem implicar na criação de possibilidades de ascensão social pela educação.

No século XIX a educação pública foi concebida como um mecanismo eficaz de formar o cidadão para o trabalho. Com a libertação dos escravos e a entrada de novos trabalhadores no cenário nacional, era necessária a utilização de métodos disciplinares eficazes para que o progresso e a ordem fossem assegurados e, sobretudo, que esses não ferissem a integridade física e intelectual dos indivíduos.

Assim, a bandeira em prol da instrução pública foi levantada e muitos intelectuais brasileiros se debruçaram sobre essa causa, entre eles destacamos Rui Barbosa¹.

Anteriormente, no período colonial já havia sido criada lei que contemplava a educação básica a exemplo da constituição de 1824² em seu artigo 179, parágrafo XXXII, que contemplava a liberdade de ensino assegurando a instrução primária a todos os cidadãos. Ou mesmo a lei de 15/10/1827 que versava dentre outras coisas, da “criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos”³

A lei, não foi suficiente para uma práxis educacional que contemplasse a todos, e o que prevaleceu foi uma educação marginalizada e excludente que não contemplava os escravos, os nativos e posteriormente os libertos negros ou mestiços, que representavam uma boa parte da população do país e sobre os quais pesavam os discursos de inaptidão para o ensino. Nas palavras de D. Lourenço de Almeida⁴ Governador da recém criada Capitania de Minas Gerais

1 BARBOSA, R. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública (1883)*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947 (Obras Completas, v. 10, t.1-4).

2 BRASIL. *CONSTITUIÇÃO DE 1824*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

3 BRASIL. *CONSTITUIÇÃO DE 1827* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,primeiras%20letras%20que%20forem%20necess%C3%A1rias

4 APM- *Registro de alvarás, cartas, ordens régias e cartas do Governador ao Rei (1721-1731)*. Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, ano XXXI, 1980. p. 95.

nas primeiras décadas do séc. XVIII, em correspondência trocada com o Rei D. João VI, sobre a educação dos pobres, negros e mestiços, “estes tomem pouca doutrina por serem todos filhos de negros, que não é possível que lhe aproveite as lições, conforme a experiência que há em todo este Brasil”...

E como na maioria das Vilas e a lugarejos a educação pública demoraria a ser realidade a educação permanecia restrita durante todo período colonial e depois imperial aos senhores de posse e suas famílias. Aos filhos de classes menos abastadas era destinada a lide diária para ajudar no sustento das famílias que dispunham de pouquíssimos recursos e mão de obra.

Em Minas, nos primeiros tempos de seu povoamento, o parco ensino era ministrado nas casas ou capelas e esta situação se estenderia por todo o período colonial e imperial para a maioria das Vilas. Poucas localidades tinham mesmo em meados do século XIX escolas de primeiras letras, o que obrigava aos filhos de famílias abastadas saírem para buscar instruções em outras Vilas ou países ou contratar mestres para ensinar-lhes⁵. A educação acontecia muito mais no âmbito familiar e sob a instrução de mestres-escola do que em colégios. Na verdade poucos eram os jovens que tendo concluído o ensino primário com os professores contratados ou nas poucas escolas que a região abrigava, se aventuravam a níveis mais altos de educação.

Nos anos finais do XIX, São Tiago ainda era um pequeno arraial, desprovido de grupos escolares, bibliotecas, periódicos e organizações culturais e artísticas. O primeiro jornal que se tem notícias em São Tiago “A sentinela” foi criado em 1950 tendo por redator Walter de Oliveira.

O memorialista Augusto das Chagas Viegas acreditava ser desta época a primeira corporação de música da cidade⁶, entretanto recentemente uma nota no jornal Bom Sucesso datado de 1923 demonstra a existência não de uma, mas de duas bandas em São Tiago, Lyra Santiaguense e Lyra de Santa Cecília e uma em Mercês de Água Limpa com o mesmo nome da de São Tiago, Lyra de Santa Cecília, dando-nos a certeza de serem bem mais antigas do que supôs Viegas.

A nota vinha com o título “Festejos de S. Antonio em S. Tiago” o jornal é datado de 16/08/1923, já a festa aconteceu em 20 de junho deste mesmo ano e as bandas, segundo o editor, abrilhantaram os festejos⁷.

Quanto às escolas, o sistema de educação primária era em grande parte doméstico, desvinculado do poder público, ministrado via de regra para crianças do sexo masculino, por mestre-escola contratados pelos fazendeiros locais. Em uma caderneta datada de 1899 o senhor Geraldo de Souza Rezende, avô paterno do senhor Sr. João Pinto de Oliveira, há registro de pagamentos feitos ao professor Galiano por ocasião do início da vida escolar de seu filho Pinto em 02 de abril de 1916.

“Aqui fica nesta folha o acento do Pinto meu filho em que ele entrou na Iscolla do professor Galiano. Entrou no dia 02 de abril de 1916 já tendo ele 3 mezes com Juca Laculla. Contrato feito a 8\$000 por mez. 1º trimestre pago a quantia de 24:000⁸”

No documento cujo título é “Caderneta de assentos de meus negócios” senhor Geraldo registra além das despesas com a educação

5 VILLATA, Luiz Carlos, apud MELLO E SOUZA, Laura. *História da vida privada no Brasil*. S. Paulo. Ed. Schwaraaz, 1997. p.357.

6 VIEGAS, Augusto das Chagas. *Notícia histórica do Município de São Tiago*. Imprensa oficial. Belo Horizonte MCMLXXII, 1972. p 50-51

7 BIBLIOTECA KHALIL GIBRAN –SÃO TIAGO MG. *Jornal BOM SUCESSO*, Ano 1923. *Cidade de Bom Sucesso-MG*. Ano I, nº 20.

8 OLIVEIRA, João Pinto de. *Arquivo pessoal: Caderneta de assentos de meus negócios do sr. Geraldo de Souza Rezende*. 1899, p. 9

dos filhos, empréstimos, vendas, compras além de nascimento e falecimento de filhos.

Não era incomum que aquelas famílias que tivessem condições encaminhassem sua prole para estudar em outras cidades como São João del Rei, Juiz de Fora, Oliveira, ou outras mais próxima como o colégio São Luiz em Conceição da Barra ou Resende costa.

Exemplo disso, encontramos nas anotações do senhor Marcos de Oliveira Braga, pertencentes ao acervo pessoal do Sr. João Pinto de Oliveira. Marcos de Oliveira Braga era avô materno de Sr. João Pinto, ele registra nas páginas 33 e 34 as despesas com a instrução de alguns de seus filhos.

Maria Pia iniciou os estudos em 1904 na escola de dona Anna Virgínia de Andrade, em 1906 foi estudar em Tiradentes. Em 1908 foi a vez do filho Vantuides ir estudar na Escola do Sr. Lionardo França e em 1909 no dia 13 de abril de 1909 o pai registra os gastos com a pensão do filho, que na ocasião entrou para a escola interna. Também a filha Ignácia fora aluna do Sr. Lionardo França a partir de 29/01/1910 tendo a mesma sido retirada da escola em 1911 embora não se possa precisar o mês ou o motivo.

Em 1916 são registrados os gastos com a educação da filha Chiquita, que fora estudar com a professora Joanna, e por fim em 1918 a filha Carmem é enviada também para a escola aos cuidados da mesma professora.

Contudo, em 1875 já havia em São Tiago uma escola pública de instrução primária para o sexo masculino⁹ dirigida pelo professor João Baptista Ferreira. Era nesta época “Delegado da Inspeção Pública” o Reverendo Vigário Júlio José Ferreira. A primeira ata registrada desta escola é datada com o dia 20/12/1875 seguida por outras de mesmo teor. Inicialmente as atas foram feitas como registro da avaliação anual para avaliação dos alunos da escola, anos depois em 1881 somam-se a estas atas de exame, atas de inspeção. Às atas de vistoria ou inspeção eram feitas com grande espaçamento de tempo, mas na medida que se avança no tempo, mais recorrente se tornou a fiscalização sobre a escola.

No ano de 1881, inicia-se os exames para alunas da escola pública de Instrução primária elementar para o sexo feminino, cadeira ocupada pela professora Ana Virgínia d’Andrade, esposa do Sr. João Baptista Ferreira em suas primeiras núpcias. Assim, do ano de 1881 ao ano de 1885 aparecem atas referentes às avaliações dos alunos das duas escolas, porém, do ano de 1886 em diante há registros apenas da escola do sexo feminino.

Pelo censo de 1872 representado na tabela 3, podemos vislumbrar como era o nível de instrução dos habitantes do arraial. Apenas 399 pessoas declararam que sabia ler e escrever em São Tiago, o que representa 11,2% da população de livres e 9,4% em relação à população total, já que, entre os escravos a tabela mostra que nenhum sabia ler e escrever conforme tabela 5. Sobre as crianças, temos informação apenas em relação à população de livres conforme tabela 4. Obviamente porque a instrução era um privilégio incompatível com a situação de escravo. Na verdade a instrução era de fato destinada a um grupo seletivo da população.

Tabela 3: Pessoas Livres quanto à instrução

	Homens	Mulheres	Total
Sabe ler e escrever	215	184	399
Analfabeto	1682	1475	3157
Total pop.	1897	1659	3556

FONTE: Recenseamento Geral do Império, 1872

Tabela 4: Crianças que frequentam à escola

Crianças matriculadas na escola	Meninos	Meninas
Frequentam	31	24
Não frequentam	261	206

FONTE: Recenseamento Geral do Império, 1872

Tabela 5: Escravos quanto a instrução

Instrução escravos	Homens	Mulheres
Sabe ler e escrever	0	0
Analfabeto	358	312
Total pop.	358	312

FONTE: Recenseamento Geral do Império, 1872

Quantitativo dos alunos que prestavam exame escolar em São Tiago

Ano	Meninos	Meninas
1875	30	
1876	20	
1877	27	
1878	25	
1879	25	
1880	24	
1881	20	19
1882	20	23
1883	21	26
1884	20	23
1885	14	25
1886		27
1887		25
1888		25
1889		29
1890		33
1891		32
1892		32
1893		31
1894		29
1895		34
1896		44
1897		40
1898		33
1899		34
1900		31

E. E.AFONSO PENA JÚNIOR. Livro de Atas de exames 1875/1826

Como a documentação encontrada sobre as referidas cadeiras de instrução em São Tiago são posteriores ao ano de 1872 não foi possível comparar com os dados deste censo, no entanto, podemos levantar algumas hipóteses.

A primeira é tomarmos como verdadeiro o fato de que não havia escola pública em São Tiago anterior ao ano de 1872, assim, o número de 24 meninas e 31 meninos que frequentam a escola representados no censo de 1872, refere-se ao número de crianças que estudavam com os mestre-escolas no ambiente familiar, ou ainda que estudavam em colégios das imediações.

Outra hipótese a ser considerada é que de fato estas cadeiras de instrução primária já existiam na localidade, antes dos registros localizados na Ata de Exames. É possível que esta ata não seja a primeira, até porque não há sequer nela, menção a qualquer início e que existiu uma escola pública no município bem antes do primeiro registro encontrado no livro de Atas.

Se considerarmos ainda que os exames aconteciam uma vez por ano, pelo menos até o ano de 1909 foram ininterruptamente assim feitos, é de supor que os alunos tenham sido matriculados pelo

menos um ano antes e que a cadeira tenha sido criada antes da data de início das atividades escolares, portanto de 1 a 2 anos da primeira ata. Além disso, corroboram para esta segunda hipótese os dizeres de Augusto das Chagas Viegas no livro Notícias históricas sobre o Município de São Tiago, que reúne várias informações e dados sobre o município,

“A 23 de outubro de 1878, foi criada uma cadeira de instrução primária para o sexo feminino, em que ministrou o ensino a distinta e saudosa Dona Ana Virgínia de Andrade (Dona Sinhá)¹⁰. Indicando que a cadeira para o sexo feminino fora criada 3 anos antes do primeiro registro de exame.

Considerando ainda o fato do escritor Augusto das Chagas Viegas ter localizado a lei que autoriza a criação de uma cadeira de ensino para Mercês de Água Limpa em 1867 sendo lá uma povoação menor e pertencente a Freguesia de São Tiago, é bem possível que aqui já existisse a cadeira para o sexo masculino anos antes do recenseamento de 1872, o que pode indicar que pelo menos em relação aos meninos alguns deles fossem alunos desta escola.

É tanto mais verossímil esta afirmação quanto é certo que, antes, a 23 de agosto de 1867 pela Lei 3.423, da Província, fôra criada em Mercês de Água Limpa, povoação menor, pertencente a Freguesia de São Tiago, uma cadeira de ensino primário para o sexo masculino¹¹.

Sobre a inspetoria destas escolas, Pe. Júlio José Ferreira esteve à frente de 1875 até 1890, pelo menos em São Tiago, e mesmo em anos posteriores não estando como inspetor participou como avaliador nos anos de 1892, 1896 e em 1899. Neste último, ao lado de João Lúcio Brandão.

Com a Reforma do ensino Primário promulgada por João Pinheiro em 1906, que alterou vários aspectos do ensino primário, dentre eles o de maior controle dos professores pelos inspetores escolares, João Lúcio Brandão passa a integrar o quadro como Inspetor técnico de Ensino. É notório pelo livro de Ata de exames das cadeiras de instrução primárias de São Tiago, que já no início do século XX, as visitas de inspetores à escola já se tornaram muito mais frequentes.

Em 1909 há registro de uma escola primária nas proximidades do Arraial, Colégio São José, conforme publicação no anuário de Minas,

Collegio São Luiz (Fica no Mun. de S. João del-Rey, á margem da E. de F. Oeste de Minas) Director—Padre Nicolao Badariotti. O collegio tem Intern. e Extern, e só acceita alumnos do sexo masc Foi fund em 1897 e tem vários cursos: sciencias, línguas, artes, agricultura, trabalhos manuaes, etc.¹²

Segundo manuscritos de Sr Carlos Silva é possível identificar ainda uma outra escola na região. Era a escola Chantal, Fundado pelo normalista Sr João Francisco de Chantal que auxiliado por sua esposa, Maria Libânia da Silva, atendia aos jovens da região. Maria Libânia fora aluna da escola feminina de São Tiago em 1911, sendo sua professor na época, D. Anna Virgínia d’Andrade.

O Sr. Carlos Silva, era sobrinho neto de Dona Libânia. Esta era filha de Francisco Ribeiro da Silva¹³ e neta do Sr Antonio Ribeiro da Silva, uma das maiores fortunas da região do Rio das Mortes no século XIX¹⁴, Abaixo seu depoimento sobre a escola,

“Eu era mocinho, então, tendo fugido do colégio Chantal e ai em curta permanência, preparando um bom terninho para ir ao casamento de papai com d. Olímpia em Conceição da Barra a realizar-se

logo após em 12/10/1907¹⁵.

O Sr. Francisco Chantal fora casado anteriormente com a Sra. Maria Augusta de Rezende Chantal. Ficara viúvo aproximadamente no ano de 1895 conforme inventário de D. Maria Augusta e tiveram um filho. Em 1898 o viúvo recorre à justiça para satisfazer uma exigência da Lei nº 181 de 24 de janeiro de 1890 sobre o casamento civil¹⁶. Ele iria se casar e com D. Maria Libânia e por isto precisou fazer o inventário da primeira esposa.

Diz João Francisco de Chantal que tendo falecido sua mulher Maria Augusta de Rezende Chantal, há três annos não tem o suplicante nessa occasião e mesmo até hoje bens a inventariar por não possuí-los o que jura. (...) E como o suplicante tenha de contrair novas núpcias e pela lei do casamento civil se veja obrigado a provar ter ou não feito inventário vem pedir a (ilegível) mandar tomar por termo sob juramento a declaração supra no cartório de orphãos visto como, de seu casamento ficou um filho orphão a fim de que assim se veja o suplicante habilitado a satisfazer a exigência da lei que baixou com o decreto n. 181 de 24 de janeiro de 1890 art 7º §9º....¹⁷”.

Interessante que pelo inventário de sua primeira esposa Sr. Francisco declara não ser possuidor de bens, entretanto, em 1908 quando participou como examinador das alunas da professora D. Anna Virgínia d’Andrade em São Tiago, ostentava a alcunha de capitão¹⁸. Capitão, ou era uma patente militar ou às vezes um título dado a pessoas de grande prestígio político e econômico. Se casar com uma filha dos Ribeiro da Silva, família de prestígio econômico na região certamente influenciou para que Sr. Chantal pudesse participar das bancas da escola do sexo feminino de São Tiago e fosse tratado por capitão¹⁹.

Sobre D. Ana Virgínia, consta nas atas que até o ano de 1909²⁰ foi a professora regente, sendo no ano de 1910 a professora Maria José Barreto a professora a assumir a cadeira²¹. Esta mesma cadeira em 1º de Dezembro de 1913 viria ser ocupada por Dona Hormandina Lara ao que parece por poucos meses segundo manuscritos de seu esposo Carlos Silva,

Em meados do anno de mil novecentos e trese, eras, entretanto nomeada para reger a cadeira do sexo feminino em S. Thiago, vacante pela professora Luizinha Andrade, que fôra transferida para a cidade de Candeias, do nosso estado²².

Dona Hormandina Melo e Silva, sobrenome que passara a assinar após o casamento com Sr Carlos Silva, nascera em São João del Rei, e falecera aos 35 anos em 16/02/ 1929. Estudou no colégio Nossa senhora das Dores se formou em 1912 quando então começou a lecionar na colônia José Theodoro no Município de São João del-Rei, tendo sido transferida a São Tiago em 1913. Aqui se uniu em matrimônio ao senhor Carlos Silva e juntos tiveram oito filhos, sendo o Caçula Sr. Antonio Jackson Silva que ficara órfão de mãe aos 8 meses de idade.

Para além destas cadeiras existentes na freguesia, alguns pais recorriam às escolas da região como o colégio São Luiz fundado

15 SILVA, Carlos. As três mortas. Obra manuscrita. Disponível na Biblioteca local Khail Gibran. p.41

16 A Lei 181 de 24/01/1890 sobre o casamento civil em seu artigo 7º §9º considera como impedimento para contrair novo matrimônio o viúvo ou viúva que tendo filho do cônjuge falecido não fizer inventário.

17 IPHAN. Inventário de Maria Augusta Rezende Chantal, 1898 Cx54.

18 ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JUNIOR. Atas de exames 1875/1826, folhas 30 e 30 verso.

19 A respeito de estratégias e alianças matrimoniais ver BRÜGGER, Silvia M. Jardim. Minas Patriarcal: Família e Sociedade (São João del-Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

20 AFONSO PENA JÚNIOR. ATA DE EXAMES 1875/1826. Da página 5 verso até a página 31 verso.

21 AFONSO PENA JÚNIOR. ATA DE EXAMES 1875/1826.p. 31 e 31verso

22 SILVA, Carlos. As três mortas. Obra manuscrita. Disponível na Biblioteca local Khail Gibran p. 32

10 VIEGAS, Augusto das Chagas. Notícia histórica do Município de São Tiago. Imprensa oficial. Belo Horizonte MCMLXXII, 1972.p. 51

11 VIEGAS, Augusto das Chagas. Notícia histórica do Município de São Tiago. Imprensa oficial. Belo Horizonte MCMLXXII, 1972. p. 53

12 Anuario de Minas Geraes : Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG) - Ano 5, 1913 p, 127

13 Para maiores informações sobre Francisco Ribeiro da Silva, ver SANTOS, Elizabeth Marcia. Resistência escrava: as fugas de escravos da Comeraca do rio das Mortes, 1871-1888.

14 GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume: 2002.p. 125

por Pe. Nicoláo Bardariotti.

“Nicoláo Badariotti, missionário salesiano, que esteve durante cinco meses entre os Paresi, quando participou de uma viagem de exploração ao norte de Mato Grosso em 1898. Badariotti ia de aldeia em aldeia ensinando o cristianismo, convertia índios e defendia a religião católica como pedagogia de ação no combate a práticas culturais indígenas das quais não comungava²³.”

O colégio fora fundado em 1897 e ficava no Município de São João del Rei à margem da estrada de Ferro Oeste de Minas. O collegio tem Intern. E Extern e so aceita alunos do sexo masc. Foi fund. Em 1897 e tem vários cursos sciencias, línguas, artes, agricultura, trabalhos manuais, etc²⁴.

Funcionou de 1897 a 1919 em Conceição da Barra de Minas, depois de 1899 a 1900 na sede do arraial e posteriormente em amplas e edificantes instalações próprias às margens do Rio das Mortes. Em 1919 Pe. Nicolau decidiu transferir o educandário para Bom Sucesso aí funcionando até 1925.

No colégio São Luiz estudaram crianças de São Tiago, como Sr. Carlos Silva e seu irmão Antonio, conhecido como Toniquinho do banana²⁵, dentre outros.

Ainda em Conceição da Barra anterior ao ano de 1934, sem, contudo ser até o momento possível precisar a data existiu o colégio Curralinho de Camboá²⁶ conforme jornal do Correio de 14/07/1934. Segundos dados do Jornal, na sessão do Conselho consultivo, o Prefeito Municipal José do Nascimento Teixeira, comunicou haver solicitado a criação e restabelecimento de algumas escolas, dentre elas estas de Conceição da Barra.

É provável que tenha sido de uma destas escolas que o professor Antonio Alves Bahia escreve solicitando ao Secretário do Interior a remessa de material para suprir as necessidades educacionais, demonstrando a precariedade em que tal escola vivenciava.

Conceição da Barra, 11 de março de 1918

Exmo. Sr. Dr. Secretário do Interior

Estando a escola desprovida de quasi todo material didático, peço-lhe mandar-me um livro de ponto diário, uma caixa de giz e alguns livros de leitura para alumnos pobres do 1º, 3º e 4º anno. Os livros para o 1º anno poderão ser cartilhas de artur Joviano ou outro qualquer, digo outros a escolha de V. Exa. O professor Antonio Lopes Bahia

Como nem todas as famílias dispunham de recursos materiais ou mesmo de condições de dispensar os filhos dos trabalhos que desempenhavam junto à família, sendo estes mão de obra importante para ajudar nos sustento das unidades produtoras familiares, alguns pais contratavam professores particulares para dar aula nas fazendas e assim é que muitos aprenderam as primeiras letras. Mas entre alguns havia aquelas famílias representantes de uma elite local, que viam à educação como possibilidade de alcançar prestígio e ter acesso a cargos públicos, para estes era imperioso que se buscasse em outros lugares níveis mais altos de educação.

O anuário de Minas Gerais do ano 1913 se refere a duas escolas em São Tiago, então distrito de Bom Sucesso, e ainda dá notícia de uma outra escola sustentada pela prefeitura do município Bom-successense na cidade em Mercês d'Água Limpa.

Em Tombador, Guarita, Mercês d'Água Limpa e Estação de Aureliano Mourão, a Cam. De Bom Sucesso mantém escolas públicas. O Est. Sustenta 11 escolas primárias neste mun.,

²³ LOIVA, Canova. Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757) Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso p. 11

²⁴ ANUARIO DE MINAS GERAES: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG) - Ano 5, 1913.p.125

²⁵ SILVA, Carlos. As três mortas. Obra manuscrita. Disponível na Biblioteca local Khalil Gibran.

²⁶ Disponível em : <https://ufsj.edu.br/pturismo/cadastro/historicoseducu.shtml>

sendo 5 na cidade, e 2em cada um dos distrs. De S. Antonio do Amparo, S. João Baptista e S. Thiago²⁷.

Provavelmente estas escolas são referências às cadeiras da escola pública para o sexo feminino e masculino existentes em São Tiago desde o último quartel do XIX e a carteira para o sexo masculino que acredita-se existiu em Mercês de Água Limpa²⁸ conforme registros do escritor Augusto das Chagas Viegas.

Os primeiros anos pós-republicanos e as primeiras décadas do século XX trazem mudanças significativas no panorama político, econômico e social de Minas. O Estado mais populoso na época da República, descartando-se no cenário político, mas enfrentando profundas mudanças no cenário econômico. Um Estado com características rurais que não estava preparado para absorver o modelo industrial urbano como fazia São Paulo. Esta mudança forçada do setor econômico agrícola para o acelerado processo de industrialização desencadeia novas demandas: a formação dos novos centros urbanos, novas classes sociais, novas pressões sociais que vão repercutir no campo educacional.²⁹

Em São Tiago a primeira escola inaugurada foi o grupo escolar Afonso Pena em 1927.

A ideia de construção do grupo escolar surgiu em 1916 conforme registrado no Histórico da escola Estadual Afonso Pena Júnior, a qual transcrevemos na íntegra,

Acta da primeira reunião pró-grupo escolar no districto de S. Thiago Município de Bom sucesso

Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro do ano do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1916 dia este assignalado pela vinda do Salvador, portador de paz e luz para humanidades, resolvem o povo deste districto por iniciativa de seus dignos filhos, dentre outros os Drs. Augusto das Chagas Viegas e Antonio das Chagas Viegas estando reunidos diversas pessoas em casa de D. Balbina Luisa da Matta sob a presidência do Revmo. Pe. José Duque de Siqueira e tendo exposto o fim da reunião convidam os cidadãos.

João Pereira Santiago, José Ferreira de Resende, Vicente Gaudêncio de Sousa, José Pedro da Matta, José (ou João) Joaquim da Matta sobrinho e Galiano das Neves, todos para tomarem assento como membros da comissão provisória, tendo sido declarado outro sim pelo presidente que se ia proceder a eleição da comissão permanente.

Vigário Revmo. José Duque de Siqueira

José Pereira Santiago

José Pedro da Matta

Joaquim da Matta Sobrinho

Vicente Gaudêncio de Sousa

Galiano Neves, secretário³⁰

Neste mesmo dia, 25/12/1916, elegeram a comissão permanente para construção do Grupo escolar, tendo como integrantes, Capitão João Pereira Santiago como presidente; José Gaudêncio Júnior, vice-presidente; Galiano das Neves Sobrinho, tesoureiro; e como membros, Antonio Morel de Campos Lara, Francisco Lara e José Simeão de Mello³¹.

Sobre Capitão João Pereira, foi casado por três vezes, sendo sua esposa nas primeiras núpcias a Sra Maria Pulcena de Resende, em segundas núpcias se casou com a irmã de dona Pulcena, a Sra Mecias Cândida de Resende. Tendo se enviuvado pela segunda vez,

²⁷ Anuario de Minas Geraes : Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG) - 1906 a 1913 . Ano 1913 5ª ed.p. 317

²⁸ Ainda não foi possível localizar documentos que comprovem que de fato a escola tenha funcionado a partir de 1867 conforme consta no Livro do Sr Augusto das Chagas Viegas, Notícias históricas do Município de São Tiago, conforme já mencionado anteriormente.

²⁹ Maciel, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: perspectiva de análise. In: História e historiografia da Educação no Brasil. Veiga, Cynthia Greive e Fonseca, Thais Nívea de Lima e.(org). Belo Horizonte: Autêntica: 2003:227-252.

³⁰ AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da e. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 2.3.

³¹ AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 4 e 5.

buscou na mesma família sua terceira esposa, a qual era sobrinha de sua primeira esposa, filha de seu cunhado José Ferreira de Resende, e a Sra Maria Luiza de Resende.

“O capitão João Pereira, recebeu a alcunha de Capitão não por hierarquia militar, e sim por ser um dos principais homens da Vila³²”

“Durante sua vida foi proprietário de muitas terras. A grande fazenda do Rio Sujo, com grande rebanhos vacum e cavalari e também seu jegue de nome Rojer. (...) possuía também a fazenda do Capão grosso, Pasto da Viúva, O espigão do Mateus, O Espigão da Serrinha, o sítio da Estiva do Meio e outros³³”

Sobre o Revmo. Pe. José Duque de Siqueira, foi o 3º pároco a assumir a freguesia de São Tiago. Era natural de Santa Rita do Rio Abaixo, nascido em 11/02/1968, filho do Sr. Braz Freire e de dona Francisca Eliza de Jesus. Assumiu os trabalhos religiosos na paróquia em 1903 vivendo em São Tiago um longo paróquio, vindo a falecer em 11/08/1955 onde também foi sepultado. Um dos seus maiores feitos foi a construção da Igreja Matriz de São Tiago, que encontrou apenas nos alicerces. A organização do primeiro mobiliário e objetos litúrgicos do novo templo inaugurado em agosto de 1922. Deixou um grande legado cultural e literário presentes até hoje nas histórias e causos que contava e que continuam presentes no imaginário da população local e regional³⁴.

Em 01 de janeiro de 1917 em casa de João Pereira Santiago, a comissão se reuniu e decidiu pela compra do terreno localizado na praça principal de propriedade de Flávio José da Silva.³⁵

Em 20/01/1917 a comissão se reúne novamente e retifica o nome do proprietário do terreno vendido para construção da escola, de Flávio José Da Silva, para o nome correto, Flávio Augusto da Silva, e solicita a assinatura deste na ata se comprometendo a passar a escritura assim que o for solicitado uma vez que já recebera o pagamento de seiscentos mil réis.³⁶

A quarta reunião da comissão acontece em 11 de março de 1917 quando marcam a data da solenidade de lançamento da pedra fundamental do grupo escolar para o dia 19 daquele mês³⁷.

Em 19 de março de 1917 é lavrada a ata que registra o lançamento da pedra fundamental do grupo escolar e se discute o possível nome. Sendo que o

Sr. João Pereira Santiago aviltrou que será dado o nome de Grupo escolar S. Thiago e sendo pelo Sr José Gaudêncio Júnior proposto dar-se o nome ao grupo a denominação de Grupo escolar São José em homenagem ao santo do dia da reunião, mandou Sr presidente que se manifestassem...” - Venceu o nome grupo Escolar São Thiago³⁸.

Na ata referente a 1º de maio de 1917 a comissão se reúne “para apresentação das despesas effectuadas até a presente data e decidiram pela compra de 600 arrobas de cal.³⁹”

Seguindo o livro de ata no dia 17 de junho de 1917 em reunião da comissão se resolve “que se prossiga a obra até o ponto de telhas e a comissão aprova as despesas feitas até 31/05(...) Combinam igualmente ser enviado à secretaria do Interior do estado um officio solicitando um auxílio para conclusão da obra⁴⁰”

Na reunião seguinte datada de 05 de agosto de 1917 o presidente apresentou a comissão um officio do Secretário do Interior do Estado com data de 24 de julho que foi lido (embora não tenha sido transcrito impedindo-nos de saber do que se trata exatamente) e o Sr. Presidente declara ter respondido. Nesta reunião foi apresentadas ainda as contas de junho e julho que foram aprovadas. O presidente apresenta contas atrasadas

32 BOLETIM SABORES E SABERES, Matéria João de Sousa n Resende. ANO XI. Nº CXXIX, p.4.

33 BOLETIM SABORES E SABERES, ANO XI. Nº CXXIX, p.5.

34 BOLETIM SABORES E SABERES, Matéria Marcus Santiago. ANO XI. Nº CXXVI, p.8

35 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, p. 5.

36 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 6 e 7.

37 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, p. 8

38 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 10 e 11.

39 AFONSO PENA JÚNIOR, ata de reunião, ano 1916, pp. 13 e 14.

40 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 15 e 16.

na importância de rs 3:477%475 três contos quatrocentos e setenta e sete mil, quatrocentos e setenta e seis réis, quantia esta que de acordo com compromisso assumido pela comissão na última do dia 17 de junho foi rateada entre os membros da mesma: Capitão João Pereira Santiago, José Gaudêncio Jr., Antonio Morel Campos Sousa, Francisco de Paula Lara, Job Altivo da Matta e José Simeão de Mello, tocado a cada um desses membros a entrada de rs 579r500⁴¹” grifo nosso. No final da ata conta que esta quantia foi cedida por cada um dos membros a título de empréstimo ao Grupo escolar a juros de 6%.

Diante dos problemas econômicos enfrentados pela comissão, decidem ainda “tocar-se a obra somente enquanto tiver dinheiro ficando assim sem efeito a deliberação tomada na última sessão de ser tocada a obra até o ponto de telhas.⁴²”

Na sessão do dia 30 de novembro de 1917, a última a que tivemos acesso, sobre a construção do Grupo escolar, o Sr. José Simeão de Mello pediu exoneração do cargo sendo nomeado pelo presidente Francisco Avelino Santhiago secretário da comissão. O presidente informa ainda nesta ocasião, ter recebido um officio do Dr Diretor da Secretaria do Interior, a comissão determinou ao secretário desta comissão uma cópia fiel do livro de despesas com a obra e que fosse remetida ao Dr secretário do Interior⁴³.

Embora seja do conhecimento da comunidade que a escola tenha sido inaugurada em 1927 já em 1923 conforme notícia do Jornal o Bom Sucesso as obras já tinham sido finalizadas. Segue na íntegra a notícia:

*Grupo escola de S. Tiago
Devera ser instalado no próximo mez de maio, o Grupo escolar no districto de S. Tiago, deste município, denominado Grupo Escolar Dr. Affonso Penna Junior.*

*A respeito desse importante prédio, já concluído, recebeu o Dr. Freitas Carvalho o seguinte honroso cartão do seu patrono:
Ao Prezado Amo. Dr. Freitas Carvalho, Affonso Penna Junior visita e em resposta a sua estimada carta de 21 informa que pediu ao Dr Arthur furtado o favor de apressar a remessa de mobiliario e material ao Grupo de S. Tiago⁴⁴.*

25-4-923

O jornal continua agora com seus comentários sobre o prédio.

O referido prédio é o melhor do gênero já construído no município. Vem satisfazer não só a uma necessidade como também à patriótica aspiração do adiantado e prospero districto de S. Tiago, sempre primaz pelas suas ideias de progresso e patriotismo.

Infelizmente a documentação encontrada até o momento não nos permitiu localizar em que momento preciso entre 1917 e 1923, o nome escolhido inicialmente fora substituído pelo nome atual da Escola, contudo, com a fundação do Grupo Escolar a educação se torna mais acessível em São Tiago e comunidades rurais e se, ainda não é, nesse primeiro momento, uma educação disponível para todos, foi um passo fundamental para que posteriormente a educação do Município tenha se consolidado como referência em educação pública, possibilitando que muitos de seus habitantes se projetassem no cenário nacional.

BIBLIOGRAFIA

ANUARIO DE MINAS GERAES: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG) - Ano 5. Disponível em : <https://ufsj.edu.br/pturismo/cadastro/historicocecedu.shtml>

41 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916. p17

42 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916 pp. 18

43 AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916, pp. 19

44 BIBLIOTECA KHALIL GIBRAN –SÃO TIAGO MG. Jornal BOM SUCESSO, Ano 1923. Cidade de Bom Sucesso-MG. Ano I nº 5 Data 29/04/1923.

APM- Registro de alvarás, cartas, ordens régias e cartas do Governador ao Rei (1721-1731). Revista do Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, ano XXXI, 1980. p. 95.

BARBOSA, R. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública (1883). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947 (Obras Completas, v. 10, t.1-4).

BOLETIM SABORES E SABERES, Matéria João de Sousa n Resende. ANO XI. Nº CXXXIX.

BOLETIM SABORES E SABERES, Matéria Marcus Santiago. ANO XI. Nº CXXVI.

BRASIL, CONSTITUIÇÃO DE 1824. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

BRASIL, CONSTITUIÇÃO DE 1827 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%3%A9rio.&text=1%C2%BA%20Em%20todas%20as%20cidades,primeiras%20letras%20que%20forem%20necess%C3%A1rias.

BRÜGGER, Silvia M. Jardim. Minas Patriarcal: Família e Sociedade (São João del-Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIOR, Histórico da E. E Afonso Pena Júnior I, ano 1916.

ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIO. Ata de reunião, ano 1916.

ESCOLA ESTADUAL AFONSO PENA JÚNIOR. ATA DE EXAMES 1875/1826.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. A princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume: 2002.

IPHAN. Inventário de Maria Augusta Rezende Chantal, 1898 Cx54.

JORNAL BOM SUCESSO, Ano 1923. Cidade de Bom Sucesso-MG. Ano I nº 5 e nº 20.

LOIVA, Canova. Os doces bárbaros: imagens dos índios Paresi no contexto da conquista portuguesa em Mato Grosso (1719-1757) Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: perspectiva de análise. In: História e historiografia da Educação no Brasil. Veiga, Cynthia Greive e Fonseca, Thais Nivea de Lima e.(org). Belo Horizonte: Autêntica: 2003:227-252.

OLIVEIRA, João Pinto de. Arquivo pessoal: Caderneta de assentos de meus negócios do Sr. Geraldo de Souza Rezende. 1899.

SANTOS, Elizabeth Marcia. Resistência escrava: as fugas de escravos da Comeraca do rio das Mortes, 1871-1888.

SILVA, Carlos. As três mortas. Manuscritos localizados na Biblioteca Khalil Gibran.

VILLATA, Luiz Carlos, apud MELLO E SOUZA, Laura. História da vida privada no Brasil. S. Paulo. Ed. Schwaraz, 1997

VIEGAS, Augusto das Chagas. Notícia histórica do Município de São Tiago. Imprensa oficial. Belo Horizonte MCMLXXII, 1972.



Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior" em construção – 1922

JOSÉ ALDO DOS SANTOS

Elizabeth Márcia dos Santos

José Aldo dos Santos, nasceu em São Tiago no dia 30 de maio de 1942, primeiro filho do casal Sr. José Geraldo dos Santos conhecido como Juquinha do Vau e da Sra. Maria Loreto Silva Santos conhecida como Dona Lora, foi empresário, engenheiro agrônomo e político brasileiro.

AS ORIGENS

Seu pai um Oliveirense, que estudara até o terceiro ano apenas, porque tendo o pai adoecido (avô de José Aldo) Sr. Geraldo precisou largar os estudos e ajudar a mãe no sustento da família. De vocação para os negócios e com um espírito empreendedor iniciara no mundo do comércio aos 16 anos trabalhando no armazém do “Sô Juvenal”. Depois de dois anos no armazém, resolveu sair e ter seu próprio negócio, conforme ele mesmo conta¹. Propôs sociedade ao irmão e foi aí que o empresário começou a negociar com dinheiro que pegara emprestado de um tio seu a quem chamava Tio Quinca Geraldo, que morava perto de Perdões. O valor do empréstimo? Três contos e quinhentos. Com parte do dinheiro (500) ele e o irmão “Zé Antonio” compraram 250 pares de chinelos de lixa dos irmãos Suvero em Juiz de fora e venderam tudo a sete mil réis o par. Não parou mais. Aos 19 anos desfez a sociedade com o irmão, e foi negociar café, fumo, até largar os negócios e comprar parte das terras da Fazenda do Vau. Lá na fazenda, com trabalho árduo e muito controle foi ampliando e diversificando a produção. De vendedor de fumo passou a produtor, depois resolveu produzir cana e da cana fez cachaça. Comprou as outras terras do Vau e se tornou o único dono da Fazenda.

Sua mãe, Dona Lora nascera em São Tiago, na fazenda do São Miguel. Fazenda esta construída pelo Padre Miguel Ribeiro da Silva. Era filha do Sr. Chico Sales.

O casamento de Sr. Juquinha do Vau e D. Lora aconteceu em Aparecida do Norte em 31/05/1941. O casal teve 9 filhos, José Aldo dos Santos, Maria Helena, José Orlando, José Arcanjo, José Raimundo, José Francisco, Maria Lúcia, José Geraldo e José Alberto. José Aldo, fora o primeiro filho, nascido um dia antes do aniversário de um ano de casado dos pais.

A influência do pai, um homem de personalidade forte, digna e honesta, como o próprio filho descreve, e por “excelência ligado a terra” foi marcante e decisiva na escolha de vida profissional feita pelo filho José Aldo. Na ocasião de prestar vestibular, quando em Belo Horizonte o filho cursava o terceiro ano científico no Colégio Anchieta concomitantemente com o cursinho preparatório para o vestibular de medicina, quando um teste vocacional apontou a tendência à agronomia, o jovem José Aldo não pensou duas vezes, largou tudo e foi cursar Agronomia na Escola superior de Agricultura Luiz de Queiroz, na Universidade de São Paulo, na cidade de Piracicaba. Formou-se como engenheiro agrônomo com especialização em economia Rural, sendo diplomado em 1969.

Tornara-se agrônomo, fazendeiro e empresário na agropecuária, mas sua vida profissional começara anos antes aos 12 anos na Fazenda do Vau, junto a seu pai e seus irmãos.

Segundo escreveu José Aldo, na ocasião do octogésimo aniversário do pai, em homenagem prestada a ele pela Gazeta de Minas em 05/07/1987, o seu pai lhes ensinara o valor do trabalho, “nunca lhes dera o peixe mas ensinara-os a pescar”. José Aldo conta como grande lição de vida que recebera do pai, um episódio acontecido em sua juventude.

“Uma determinada época quando estivemos meio vadios na escola, ganhamos de presente nas férias, eu, José Alberto e José Geraldo,



uma enxada de três libras cada um. Cada um tinha de tirar meia tarefa, capinando café, sem nenhum privilégio. A “boia” ia para nós na roça. Isto na época, não deixou de ter seu lado difícil, mas acredito que para todos nos serviu de grande exemplo.” Seu Juquinha do Vau falecera em 28/04/1993 em Oliveira². Foi a disposição para o trabalho herdada do pai, a vocação para os negócios traços marcantes na personalidade de José Aldo.

Em Belo Horizonte foi funcionário do Banco da Lavoura e transferiu-se a pedido para Piracicaba-SP para poder estudar. Terminado o curso superior foi aprovado em concurso pelo Banco do estado de São Paulo, ingressou em 1969 como agrônomo no setor de crédito rural daquele banco tendo suas atividades voltadas para a região de Bebedouro-SP, onde trabalhou até 1980.

Paralelamente às funções do banco, em 1972 criou em conjunto com seus irmãos a empresa, Citro-Santos em Bebedouro e com sede em Belo Horizonte. Embora a firma tivesse seu núcleo de produção em São Paulo poderia ser considerada mineira porque fizeram questão de manter a sede em Belo Horizonte. A Citro-Santos teve como atividade principal a produção de frutas cítricas, embora nos finais dos anos 1980 tivesse efetuado investimentos no setor agropecuário.

Tendo alcançado êxito na área empresarial José Aldo dos Santos filiou-se ao PMDB e entrou para a política em 1984 no Norte de Minas, local onde estava localizada uma de suas propriedades, na ocasião. Em 1990 lançou-se como candidato a deputado federal (Nº 7110) pelo Partido PRS (Partido de Renovação Social), ao qual se filiará neste mesmo ano. Em 21 de maio lançou sua candidatura na cidade de Oliveira, como Deputado Federal prometendo lutar por sua região³.

Em 30 de junho do mesmo ano viria a sua terra natal São Tiago a convite de seus conterrâneos para uma reunião realizada na Câmara Municipal, ocasião em que lançou sua candidatura nesta cidade. A reunião contou com a participação do Prefeito Sr. Francisco Aristeu Pereira, Vereadores da Câmara de São Tiago e cidades vizinhas: Dr.

1 GAZETA DE MINAS. ENCARTE Especial. Oliveira-MG 05/07/1987.

2 Arquivo pessoal D. Lucy Lara, doado à Escola Deputado José Aldo dos Santos.

3 TRIBUNA SANJOANENSE. São João del Rei. Ano XXII, nº 617 De 25/06 a 12/07/1990.

Mauro Pinto de Moraes, Dr. Alzenico França Santos-coordenador geral do Comitê do candidato na capital; Sr. Carlos Alberto Braga, Sr. José Orlando dos Santos-coordenador regional em Oliveira, coordenadores da campanha em São Tiago; Sr. Paulo Resende-ex-prefeito de Oliveira, demais autoridades locais, amigos, familiares e conterrâneos⁴.

Sua campanha transcorreu ao que parece cheia de êxito e durante o ano de 1990 foi possível verificar em vários jornais da região menção à sua candidatura. D. Lucy Lara professora ilustre de São Tiago foi profunda incentivadora da candidatura do Deputado José Aldo. Em várias publicações sobre o candidato, encontradas no arquivo pessoal que a própria Sra. Lucy construiu percebe-se que fora ela que escrevera para os jornais e folhas regionais. Foi possível ainda encontrar cópias de cartas que ela enviara a vários conterrâneos pedindo o apoio ao candidato nas urnas. Valendo-se inclusive de seu nome como professora estimada e eficiente para angariar a confiança dos pais dos alunos em prol do então candidato à Deputado Federal José Aldo dos Santos.

José Aldo foi o 26.º deputado federal mais votado (35 101 votos), sendo um dos quatro parlamentares eleitos pela legenda, (Roberto Brant, José Resende, Israel Pinheiro filho e José Aldo dos Santos) que também se destacou ao eleger Hélio Garcia para o governo estadual. Esta foi a única disputa eleitoral de sua carreira.

Seu primeiro discurso proferido na câmara dos Deputados em 25/03/1991 às 14:02h reivindicava do governo prioridade para os programas voltados para conservação e modernização das rodovias “esquecidas nos últimos anos”. José Aldo alertava para o abandono da BR 381-Rodovia Fernão Dias, os altos índices de acidentes e mortes que ocorriam na BR e clamava pela conscientização quanto a importância da obra de duplicação da tal rodovia para o desenvolvimento da região sul e de outras regiões.

A luta pela melhoria das estradas da região parece ter sido a luta pessoal do Deputado. Ainda em 1991 a notícia estampada nos jornais da região era sobre a emenda nº 37385-1 de 30/09/1991 “que aloca recursos para a conclusão das obras da BR-494- trecho São João del Rei/São Tiago/ Morro do Ferro⁵” de autoria do então deputado. A emenda fora aprovada no relatório Geral apresentado pelo deputado Ricardo Fiuza. Valor 10 bilhões e oitocentos milhões de cruzeiros⁶.

Contudo, mesmo com a emenda aprovada, as várias correspondências redigidas pelo Deputado e endereçadas a diversas autoridades, mostram que o então deputado enfrentou dificuldades para ter o

dinheiro liberado e o sonho de ver a BR 494 asfaltada e com ela a sua terra natal beneficiada embora retardado em se concretizar pela demora de tal liberação, deixa à mostra o empenho e a energia com que ele tratou o assunto. Dirigiu ofício ao Dr. Afonso Alves de Camargo Neto, Ministro dos transportes no dia 21/05/1992 onde relata faltar apenas 30 km para pavimentação. Em 18/12/1992 dirige-se ao excelentíssimo Sr. Itamar Augusto Cautiero Franco, Vice presidente em exercício do cargo de presidente solicitando empenho para liberação dos recursos para prosseguimento das obras da BR-494 no trecho São João del Rei-São Tiago⁷.

Em 20/01/1992 José Aldo dirige correspondência a seus correligionários e amigos para comunicar o anúncio feito pelo governador Hélio Garcia, do início das obras de duplicação da Fernão Dias previstas para junho de 1992. Deixando mais uma vez em evidência sua luta e dedicação para o assunto das rodovias.

Mas não fora apenas esta causa que defendera. Em 17/04/1991 no plenário da Câmara Federal saiu em defesa da agricultura. Momento em que defende o crédito rural, que sofrera perdas enormes, comparando-se os 25 bilhões de dólares destinados ao setor agrícola em 1980 contra os 5 bilhões em 1991. Na ocasião alertou para o fato de que a falta de investimento na agricultura poderia desencadear uma crise alimentar sem precedentes na história do país. O deputado denunciou que o Brasil daquele momento tinha uma potencialidade agrícola estagnada e que era inadmissível permitir que um país com a dimensão territorial e terras férteis importasse alimentos. Afirmou ainda que, “nossa agricultura não quer privilégios, pedimos apenas uma política realmente seria para o trabalhador, para o agricultor, para os brasileiros⁸.”

José Aldo dos Santos morreu no dia 15/05/1994 em um acidente automobilístico próximo ao município de Oliveira aos 51 anos sem concluir seu mandato.

Dois anos após sua morte, a cidade de São Tiago inaugurava uma escola, que receberia o seu nome e que torna inesquecível a sua memória.

Esposa: Rejane Bastos Santos
Filhos Jose Aldo dos Santos Filho
Jose Luiz Pereira dos Santos

4 Arquivo pessoal D. Lucy Lara, doado à Escola Deputado José Aldo dos Santos.

5 TRIBUNA SANJOANENSE. São João del Rei. Ano XXIII edição 670. 18 a

25/01/1992, p. 1

6 TRIBUNA SANJOANENSE. São João del Rei. Ano XXIII edição 670. 18 a 25/01/1992

7 Cópias de ofícios escritos pelo Deputado que se encontram nos arquivos pessoais de

D. Lucy Lara, doados à E.M. Dep. José Aldo dos Santos

8 Discurso proferido na Câmara dos deputados em 17/04/1991. Arquivo pessoal de D. Lucy Lara.

JAIRO NAVARRO E D. SALIA

Sr. Jairo era filho do Sr. Valdivino José de Castro e de D. Antonieta Navarro. Foi um pequeno comerciante no Bairro Cruzeiro, em São Tiago. Homem humilde, caridoso e muito honesto. Dotado de um coração imenso, acolhedor e amoroso.

Foi um grande amigo das pessoas carentes e principalmente das crianças. Sempre tinha um docinho ou uma bala para agradá-las. Lembro-me das canequinhas de açúcar e de querosene que ele dava diariamente para as donas: Salia e Aninha.

Era criança e nunca me esqueço dos pães e docinhos que ele me dava enquanto esperava alguém para vir me buscar, pois morava no Sítio da Cava Funda e vinha para estudar no Grupo Escolar “Afonso Pena”. Assim ficava na venda

do Sô Jairo até que alguém viesse me buscar.

Sr. Jairo foi construtor de pessoas humanas. Nunca deixou de apoiar e ajudar seus familiares como também seus conterrâneos, sobretudo os mais pobres.

D. Salia com carinho nos abrigava em sua humilde casa e dividia conosco o pão. Mulher pobre que ajudou muito minha mãe quando ela adoecia ou tinha seus filhos. Mesmo em suas dificuldades nos dava abrigo para dormir quando não tínhamos jeito de ir para casa por causa da chuva ou da escuridão.

Aos saudosos: Sr. Jairo e D. Salia, pessoas caridosas, bondosas, a nossa eterna gratidão. Que Deus os tenha no Reino da Glória!

Maria Lúcia Silva

TEN. CEL. JOÃO GUALBERTO DE CARVALHO

O 1º BARÃO DO CAJURU

O Ten. Cel. João Gualberto de Carvalho nascido em 1797 ⁽¹⁾, era filho de Caetano de Carvalho Duarte e Ana Maria Joaquina, proprietários da Fazenda “Vão do Jacaré”, no distrito de São Tiago (ou São João Batista), termo da vila de São José (Tiradentes). Bisavós paternos: João Carvalho e Domingas Duarte;⁽²⁾ bisavós maternos: Manoel Gonçalves da Fonseca e Antônia da Graça (“Três Ilhoas”). Transferiu-se, por volta de 1821, para a região de Aiuruoca. Faleceu aos 21-02-1869 (segundo algumas fontes em São Miguel do Cajuru – Arcângelo – em SJDR; segundo outras fontes em Quatis, no interior do Estado do Rio de Janeiro). Casado com Ana Inácia da Conceição Ribeiro do Vale de Carvalho em 1819, nascida ela aos 24-08-1804 em Aiuruoca, filha de Inácio Ribeiro do Vale e Ana Custódia da Conceição. D^a Ana Inácia, 1^a baronesa de Cajuru, faleceu aos 11-01-1889. Em 1859, adquiriu a Fazenda São Lourenço, no Estado do Rio de Janeiro, que, após a sua morte, passou a seu filho José Ribeiro de Carvalho c/c Luisa Leite de Carvalho.

O Ten. Cel. João Gualberto de Carvalho foi agraciado com o título de barão do Cajuru por D. Pedro II, por decreto imperial de 30-06-1860. Criador de muarens (talvez o maior do País à sua época), cafeicultor, tenente coronel da Guarda Nacional e seu comandante em Turvo (Andrelândia), onde era proprietário da Fazenda das Bicas. Participou da Revolução Liberal de 1842. Agraciado em 1849 com as comendas da Ordem de Cristo e da Imperial Ordem da Rosa. Apoiou financeiramente a Guerra do Paraguai.

Filhos do casal (1º Barão e Baronesa do Cajuru):

1. Manoel Ribeiro de Carvalho (1820-1859), batizado na capela do Turvo em setembro de 1820
2. Ignácio Caetano de Carvalho (1830-1893), casou aos 30-10-1850 com Ana Teresa de Vargas em Amparo/RJ
3. Ana Elisa de Carvalho (1821-....)
4. Maria Brasileira de Carvalho (1826-...), batizada na capela do Turvo aos 29-08-1826
5. Constância Ricardina de Carvalho (1846-....), batizada aos 30-03-1846 na capela de Nossa Senhora do Porto
6. José Ribeiro de Carvalho (1848-1896), batizado aos 04-06-1848 na igreja de Nossa Senhora do Porto
7. Militão Honório de Carvalho (batizado aos 10-05-1828 na capela do Turvo e falecido na mesma cidade aos 15-12-1891), 2º barão do Cajuru
8. Libânia Jesuina Carolina da Conceição de Carvalho (1835-1895), Viscondessa de Arantes. Com 15 anos em 16-09-1850, data de seu casamento com Antonio Belfort Ribeiro Arantes na capela de Nossa Senhora do Porto do Turvo
9. Guilhermina Cândida da Conceição Ribeiro de Carvalho (1838-1911), baronesa de São João Del-Rei⁽³⁾
10. João Pedro de Carvalho (1839-1889), falecido aos 09-08-1889 em São Joaquim, Quatis, Estado do Rio de Janeiro



Ten. Cel. João Gualberto de Carvalho

11. Custódia Ribeiro de Carvalho (1840-1921), batizado na capela do Turvo aos 08-03-1840

12. Anastácio, batizado aos 26-05-1842 na igreja de Nossa Senhora do Porto da Salvação do Turvo.

NOTAS

(1) O Ten Cel João Gualberto de Carvalho foi batizado (entre 30/07 a 24/08) de 1797 na capela de São Miguel do Cajuru, filial da matriz de São João Del-Rei (Livro de batismos n. 18, fls, 234, registros dos anos de 1794 a 1797) no qual consta que o Revmº Capelão Gonçalo Ribeiro Brito batizou e pôs os santos óleos “a João, filho legº de Caetano de Carvalho Duarte e Anna Maria Joaquina forão padrinhos o Rv.dº Gonçallo Correa de Carvalho e Anna Maria Duarte, cazada, da freguesia de Bambuhy e os mais desta freguesia. O Coadºr Manoel Antº de Castro” (transcrito pessoalmente pelo prof. Antonio Gaio Sobrinho, a quem muito agradecemos).

(2) A família “Carvalho”, de raízes portuguesas, é, segundo historiadores, oriunda da freguesia de Silves, Lousada, distrito do Porto.

(3) A baronesa de São João Del-Rei era casada com o Dr. Eduardo Ernesto Pereira da Silva (1824-1881), médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Agraciado com o título de barão por decreto imperial de 13-09-1871. Foi o casal quem doou um altar completo lateral à Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Foram membros ativos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar, constando ainda da lista de benfeitores da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis e da Filarmônica Sanjoanense. O barão faleceu em São João Del-Rei aos 30-06-1881, sepultado no mausoléu da família no cemitério de São Francisco de Assis. A baronesa, que era natural do Turvo (Andrelândia) faleceu em São João Del-Rei aos 05-02-1911.

CAETANO DE CARVALHO DUARTE ANTIGOS MORADORES DA REGIÃO

Caetano de Carvalho Duarte, natural e batizado na capela do Cajuru, filial de São João Del-Rei, era filho de Caetano de Carvalho Duarte (homônimo do pai) (1) e Catarina de São José, uma das “três ilhoas”. Casado aos 08-06-1793 na capela de Sant’Ana de Barroso com D^a Ana Maria Joaquina, filha de Estácio da Costa e Felícia Teresa de Jesus, np de Estácio Dutra da Costa e Maria do Espírito e nm de Thomas da Silva e Valentina de Mattos.

Filhos do casal Caetano de Carvalho Duarte e D^a Ana Maria Joaquina:

1. Manoel Joaquim de Carvalho
2. João Gualberto de Carvalho, que foi o 1^o Barão do Cajuru, c/c Ana Inácia da Conceição, n. de Andrelândia
3. Maria Vicência Duarte c/c Manoel Francisco de Moraes, proprietários da Fazenda da Anta em Bom Sucesso
4. Ana Joaquina Duarte c/c Manoel Rufino de Arantes, moradores em Aiuruoca
5. Joaquina Carlota Duarte c/c Francisco de Paula e Silva, moradores em Formiga. D^a Joaquina Carlota foi legatária do Pe. Barnabé Ribeiro da Silva, dela recebendo a Fazenda da Mata (Formiga)
6. Felícia Felisbina de Jesus c/c Antonio Alves Lima
7. Francisca Bernardina de Jesus c/c Joaquim Luis da Silva
8. Felizarda Umbelina do Sacramento

Moradores e proprietários da Fazenda Vão do Jacaré, freguesia e capela de São João Batista (Morro do Ferro), divisas com a aplicação de São Tiago, termo da vila de São José (Tiradentes)

Caetano de Carvalho Duarte faleceu em sua fazenda aos 09-

REPRODUÇÃO INTERNET/DIVULGAÇÃO



Guilhermina Cândida da Conceição Ribeiro de Carvalho-Baronesa de São João del-Rei



Libania Jesuina Carolina da Conceição de Carvalho - Viscondessa de Arantes

12-1825, sendo inventariado pela viúva D^a Ana Maria Joaquina.

Bens de raiz

I. Fazenda “Vão do Jacaré”, havida por compra a Manoel Mendes dos Santos, composta por 283 alqueires e meio de terras de cultura, diversos capões e 1.816 alqueires de campos de criar – 9:191\$000

II. Casas de moradas na dita fazenda com moinho, arvoredos, quintal, currais e ranchos anexos – 400\$000

III. Parte de morada de casas no arraial de São João Batista (Morro do Ferro) – 15\$000

(IPHAN/SJDR – Inventário de Caetano de Carvalho Duarte – Cx. 317 – 1825)

D^a Ana Maria Joaquina, por sua vez, faleceu aos 29-02-1834 com testamento, sendo seu inventário aberto aos 19-11-1834, testamentário seu filho Manoel Joaquim de Carvalho. Em seu testamento, lavrado na Fazenda Vão do Jacaré aos 23-02-1834, D^a Ana Maria Joaquina declarou ser natural e batizada na freguesia da vila de Barbacena, filha de Estácio da Costa e Felícia Teresa de Jesus. Solicitou fosse “o meu corpo envolto em hábito da Venerável Ordem Terceira de São Francisco e sepultado na matriz ou capela donde for meu falecimento” Deixou a terça de seus bens à filha Felizarda “em razão de ser solteira e de idade maior”.

Bens de raiz:

I. Terras que pertenciam a meação na Fazenda Vão do Jacaré com cultura e campos – 4:304\$961

II. Parte de casas e demais pertencentes ao terreiro – 149\$884 (IPHAN/SJDR Inventário de Ana Maria Joaquina – Cx. 131 – 1834)

Fonte básica: Projeto Compartilhar – Caetano de Carvalho Duarte e Ana Maria Joaquina.

No inventário de D^a Petronilha Carolina de Jesus, falecida em outubro de 1836, sendo inventariante seu marido/viúvo José de Sá Rocha, foram discriminados “mais campos e culturas no Retiro do Vão do Jacaré – 1:930\$000” e “mais o sitio da dita – 70\$000” (Inventário de Petronilha Carolina de Jesus – ano 1837 – Cx. 499 – IPHAN/SJDR).

REPRODUÇÃO INTERNET/DIVULGAÇÃO



Ana Elisa de Carvalho - filha do 1º Barão do Cajuru

NOTAS

(1)Dois filhos do casal João Carvalho e Domingas Duarte (estes casados aos 29-06-1687 em Silvares, distrito do Porto) vieram para o Brasil. Foram eles Manoel de Carvalho Duarte e Caetano de Carvalho Duarte, ambos aqui se estabelecendo, deixando enorme descendência.. Seu pai, João Carvalho, era filho de Gonçalo Simões e Domingas Gaspar. Sua mãe, Domingas Duarte, batizada aos 08-01-1660 em Silvares, ai falecendo aos 23-11-1726, filha de Inácio Manoel e Maria João.

Caetano de Carvalho Duarte casou com Catarina de São José, natural da freguesia de Nossa Senhora das Angustias, vila de Horta, Ilha de Fayal, vindo ela para o Brasil com 2 anos. Aos 15 anos, tratou de seu casamento com Caetano de Carvalho Duarte, n. e batizado aos 24-12-1702 na freguesia de São Miguel de Silvares, Concelho de Lousada, distrito do Porto. Foram moradores e proprietários da Fazenda do Cajuru, termo de São João Del-Rei.

Caetano de Carvalho Duarte faleceu aos 23-12-1784 e Catarina de São José aos 30-07-1787, sendo sepultados na capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis em São João Del-Rei. D^a Catarina ditou seu testamento aos 28-06-1787 em São Miguel do Cajuru.

Filhos do casal:

1. Antonio de Carvalho Duarte
2. Florência Maria de São José
3. Tereza Maria Duarte
4. Manoel de Carvalho Duarte
5. Cap. João de Carvalho Duarte c/c Escolástica Maria Lopes de Siqueira (+ 10-12-1810), moradores e proprietários da Fazenda do Tejuco em São João Del-Rei Sem filhos e sem herdeiros necessários.



José Ribeiro de Carvalho-filho do 1º Barão do Cajuru

6. Cap. Francisco de Carvalho Duarte (+ 23-03-1850) c/c Maria Antonia de Jesus. Sem herdeiros, deixando legados a vários sobrinhos.

7. Caetano de Carvalho Duarte c/c Ana Maria Joaquina, moradores e proprietários da Fazenda Vão do Jacaré, distrito de São Tiago

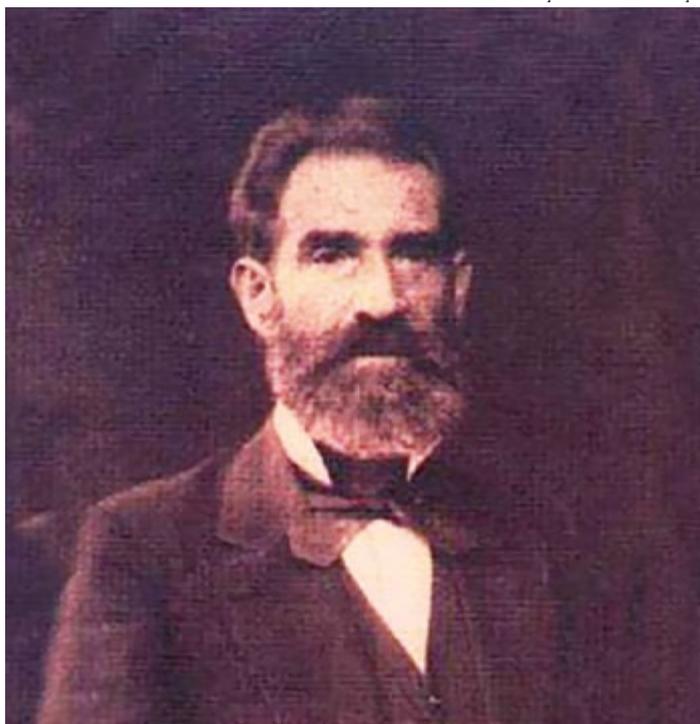
8. José de Carvalho Duarte
9. Maria de Carvalho Duarte
10. Ana Maria Duarte
11. Caetana Maria Duarte
12. Domingas Maria Duarte

13. Ana Maria de Jesus c/c Cap. Pedro Rodrigues de Faria, proprietários das Fazendas das Laranjeiras e Carapuça, distrito de São Tiago.

(Fonte: José Guimarães – “As Três Ilhoas”, vol. 1 e 3)

Militão Honório de Carvalho, o 2º Barão do Cajuru, filho do 1º Barão do Cajuru João Gualberto de Carvalho. Batizado aos 10-05-1828 na capela do Turvo (Andrelândia) ai, falecendo aos 15-12-1891, com 64 anos.

REPRODUÇÃO INTERNET/DIVULGAÇÃO



Militão Honório de Carvalho, o 2º Barão do Cajuru

DR. GERALDO MELO JUNIOR

Grandes momentos em pouco tempo de convívio. Legando-nos, porém, itinerário de compartilhamentos, de aprendizado, de apreços.

A plataforma da estação chamada vida é também ponto de inesperada, imperceptível despedida, deixando-nos espinhos que dilaceram o coração, como nos versos do compositor Cartola.

Um notável profissional, um ser humano incomum, culto, dedicado, largo horizonte a frente, o estandarte do direito e da fé empunhado, convocado agora a novas lides.

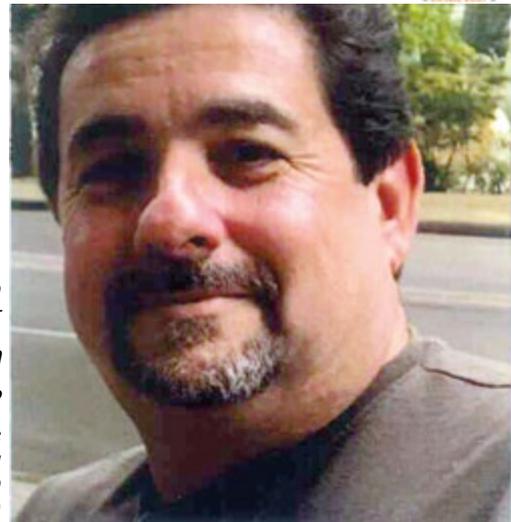
“A cada chamado da vida, o coração deve estar pronto para a despedida, para novo começo, com ânimo e sem lamúrias. Aberto sempre para novos compromissos. Dentro de cada começo, mora um encanto que nos dá forças e nos ajuda a viver” (Hermann Hesse).

“Recordem a sorte que tiveram usufruindo de uma vida que em sua maior parte foi feliz; a glória dos vossos console a vossa dor. Só o amor da glória não envelhece e o prazer de viver não consiste em amontoar riquezas, mas em inspirar respeito”.

Somos honrados mais pelas obras do que por palavras.

“Os povos que recompensam a virtude com prêmios obtêm os melhores cidadãos” (Discurso de Pericles – A Guerra de Pelesoso).

Pessoa representativa, liderança social, pensamento criativo,



Dr. Geraldo Melo Júnior

★ 01/08/1970

† 20/03/2022

Pai em tuas mãos entrego o meu espírito (Lucas 23:46)

assertivo, maturidade, em todos os atos. O obreiro sábio que espalhou boas sementes e há de colher safras vigorosas.

Ao distinto amigo, Dr. Geraldo Melo Junior, nossa homenagem. Homem determinado, cordial, desenvolvido, sensato, probo em todos os seus atos e momentos, honrando a formação de berço, a estirpe e altissonancia das famílias Viana e Melo, granjeando seu luminoso conhecimento e sua personalidade, suas habilidades em prol do progresso coletivo.

Nossa gratidão, nosso respeito, nosso breve adeus.



180 ANOS DE MORRO DO FERRO

ANEXE SEU CURRÍCULO (COM FOTO, SE QUIZER).

SUA CONTRIBUIÇÃO DEVE SER ENVIADA

ATÉ JULHO/2022 PARA O EMAIL

antonioduga@gmail.com

LANÇAMENTO: NOVEMBRO/2022

08/05 – cem anos de nascimento do Sr. Miguel Arcanjo, grande músico são-tiaguense.





'Filme' da vida é reproduzido pelo cérebro na hora da morte, diz estudo

Após um episódio inusitado, cientistas conseguiram atestar atividade cerebral momentos antes da morte

De acordo com relatos de algumas pessoas que tiveram uma experiência de quase-morte, um "filme" da sua história de vida passa diante de seus olhos antes de você partir deste para outro plano. Mesmo sendo uma ideia bastante difundida, havia até agora poucas pesquisas ou evidências científicas que comprovassem essa teoria.

Um estudo publicado no jornal "Frontiers in Aging Neuroscience" revelou dados inéditos sobre como o cérebro age na hora da morte. Isso foi possível por uma situação inusitada que ocorreu enquanto um grupo de neurocientistas avaliava um paciente de 87 anos com epilepsia. Durante os exames, o idoso acabou sofrendo um ataque cardíaco e morreu. Na hora do óbito, padrões de ondas rítmicas semelhantes às do sono ou da meditação foram registradas – indicando que lembranças da vida são resgatadas nos últimos momentos de vida.

Inicialmente, o intuito do cientista Raul Vicente, da Universidade de Tartu, na Estônia, e seus colegas, era detectar convulsões do paciente por meio de uma eletroencefalografia contínua (EEG), o que foi fundamental para coletar os dados cerebrais no momento da morte. "Medimos 900 segundos de atividade cerebral perto do instante da morte do paciente", explica o neurocirurgião Ajmal Zemmar, da Universidade de Louisville.

O médico esclarece que, após o ocorrido um foco específico foi estabelecido para investigar exatamente o que aconteceu nos 30 segundos antes e depois que o coração parou de bater. Foi Zemmar quem organizou o estudo e

revela: "Pouco antes e depois que o coração parou de funcionar, vimos mudanças em uma faixa específica de oscilações neurais, as chamadas oscilações gama, mas também em outras oscilações delta, teta, alfa e beta."

As chamadas oscilações gama correspondem às funções cognitivas como concentração, sonhos, meditação, recuperação de memória e processamento de informações. Foi graças a percepção das mudanças dessas oscilações, que Zemmar chegou à conclusão de que o cérebro pode, sim, estar reproduzindo uma última lembrança de eventos importantes da vida pouco antes da morte.

"Essas descobertas desafiam nossa compreensão de quando exatamente a vida termina e geram importantes questões subsequentes, como aquelas relacionadas ao momento da doação de órgãos", ressaltou o profissional. Por se tratar de um único experimento e da análise do cérebro de um paciente que havia sofrido lesão, convulsões e inchaços, não é possível tirar conclusões certas, porém, Zemmar e os outros pesquisadores estão esperançosos para investigar outros casos e conferir resultados.

"Como neurocirurgião, às vezes lido com a perda. É indescritivelmente difícil dar a notícia da morte a familiares arrasados. Algo que podemos aprender com esta pesquisa é: embora nossos entes queridos tenham fechado os olhos e estejam prontos para nos deixar e descansar, os cérebros deles pode estar revivendo alguns dos melhores momentos que viveram", concluiu.

GUERRAS E AS ADVERTÊNCIAS DIVINAS

“Que ninguém trame o mal contra o companheiro e jamais profiram juramentos falsos”. (Zc 8,17)

De há muito, somos advertidos por inúmeras mensagens quanto a guerras e convulsões vividas pela humanidade. O próprio Senhor nos alertou a respeito (Mt 24,6). Uma das manifestações mais veementes foi proferida por Nossa Senhora de Fátima em suas aparições de 1917, quando afirmou que as guerras e outras ameaças (como o comunismo totalitário) seriam vencidas pela fé, a oração, a penitência, a conversão⁽¹⁾. Nossa Senhora concede igualmente grande ênfase, à esperança, a perseverança e confiança inabalável, jamais deixando nós de acreditarmos no poder e na misericórdia de Deus.

As guerras são dimensões do mal e do depravamento humano e expressões do maligno, frutos da invigilância, da insolência e dos pecados cometidos diuturnamente.” De onde vem as guerras e os conflitos que há entre vós? Não vem das paixões que guerreiam em vocês?” (Tg 4,1)

“Meu poder governará os povos” (Is 51,5) Jesus é o Senhor! Ele se acha entronizado acima de todos os governantes e autoridades temporais e espirituais (Ef 1,20-22) e de todas as potestades étnicas, políticas, financeiras, nacionais. Impérios se levantam e caem, derrubados e esmagados, como na visão de Daniel, por “pedra que rolou da montanha, sem o toque de mãos humanas” (Dn 2,37-45). Ele supera facilmente quaisquer forças hostis ou que se oponham a seu Reino de Luz, Paz, Glória. Lemos na Bíblia que um exército inteiro foi cegado, de forma a se obter uma solução pacífica e evitar a ceifa desnecessária de pessoas (II Rs 6,16-17 / 6,18-23). Embora a ação de forças satânicas em dominar o mundo, só há um - e único Vencedor - um só Exaltado que se sobrepõe a todos os poderes temporais e espirituais (I Pd 3,22).

Cabe-nos sempre orar, nos afastar do hedonismo, do permissivismo, do individualismo, nos redimindo por uma conduta reta, fraterna, reverente a Deus, de forma a nos proteger de tiranos e entes demoníacos. Solidarizarmo-nos com os perseguidos, os que tem seus países e lares violados, com os refugiados, os desempregados, os vulneráveis.

NOTAS

(1) A Senhora Mãe, em suas mensagens de Fátima, disse que a Rússia comunista espalharia os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons seriam martirizados, várias nações seriam aniquiladas... “Mas, por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”.

O famoso sábio judeu-lituano Vilna Gaon (1720-1797) previu: “Quando você ouvir que os russos capturaram a Criméia, você deve saber que os tempos do Messias começaram, que seus passos estão sendo ouvidos. E quando você ouvir que os russos

chegaram a Constantinopla (Istambul) você deve colocar suas roupas no shabat e não tirá-los porque isso significa que o Messias está chegando”.

Os russos anexaram a Criméia em 2014 e agora atacam cruelmente a Ucrânia. Quanto a Istambul, hoje é uma grande cidade turca; Erdogan, o atual ditador da Turquia é alinhado à Rússia... Os rabinos judeus sempre classificaram a Rússia como o reino de Gogue e Magogue

(Fonte: <https://www.cinemafloresta.com.br.profecia.judaica>).

As profecias hebraicas apontam a derrota dos invasores. O rabino polonês Yekusiel Halberstam (1905-1994) afirmava que os russos, ávidos por invadir e escravizar vários povos e nações, ainda pagariam pelos pecados de seus antepassados.

Gogue e Magogue aparecem mencionados nos livros de Gênesis, de Ezequiel, Apocalipse e no Alcorão, apresentados ora como um príncipe ou líder ou ainda um povo habitante de uma região denominada Tubal e Meseque. Magogue, historicamente, era neto de Noé (Gn 10:2) e seus descendentes se estabeleceram ao norte de Israel em terras da Europa e norte da Ásia (Ez 38:15). e são descritos como guerreiros habilidosos (Ez 38:15; 39, 3-9). Magogue significa “príncipe de Rosh” (Rússia); a cidade de Meseque é antiga capital da Rússia e Tubal, hoje Tobolsk, cidade da Sibéria. Gogue, por sua vez, é um líder militar belicoso que atacará Israel, sendo vencido pela ação divina (Ez 39, 11-12) Para alguns exegetas seria a batalha dos últimos tempos prevista em Ap 20, 8-10.

Ezequiel identifica alguns dos países arrastados para a grande batalha: Pérsia (atual Irã, governado por aiotalás, religiosos muçulmanos e ditadores implacáveis), Cush (Sudão, Líbia) Beth Togarma (Turquia) Gogue (Rússia) Gomer... “Quando Gogue atacar, será despertado o meu furor, palavra do Soberano Senhor” “Enviarei fogo sobre Magogue e sobre os que habitam seguros nas ilhas, pois saberão que Eu sou o Senhor” (Ez 39:6) “No dia que vier Gogue contra a terra de Israel, a minha indignação subirá à minha face e naquele dia haverá grande tremor” (Ez). Há previsões de terremotos e outros cataclismos que “deitarão os montes abaixo, sucumbirão os precipícios e todos os muros desabarão por terra” (Ez 38, 18-25). O profeta Amós escreveu que os judeus não serão mais arrancados de sua terra” (Am 9, 14-15).

A Ucrânia seria, segundo intérpretes bíblicos, uma “ponte” a unir Rússia e Turquia e ainda outros povos muçulmanos contra Israel e a Europa ocidental. Para esses escatologistas, a Ucrânia, habitada por descendentes de filisteus, seria atacada nos termos da profecia de Sofonias (Sf 2:4), encontrando-se semelhanças nas profecias de Daniel (Dn 9, 26-27), Zacarias (ZC 14:2) e Joel.

Para alguns estudiosos, Gogue e Magogue representam uma aliança entre Rússia e Irã (e demais países muçulmanos) para atacar Israel (Ez 38-39)

O vidente alemão Alois Irlmaier (1894-1959) também profetizou a escalada russa na Europa.

Necessitamos, nos tempos atuais, estudar profundamente a obra dos grandes místicos e mensagens divinas, como as de Nossa Senhora de Garabandal, de Santa Brígida da Suécia etc. E orar incessantemente com ações de compaixão e humanidade!

“Uma nação é uma alma, é um princípio espiritual” (Renan)



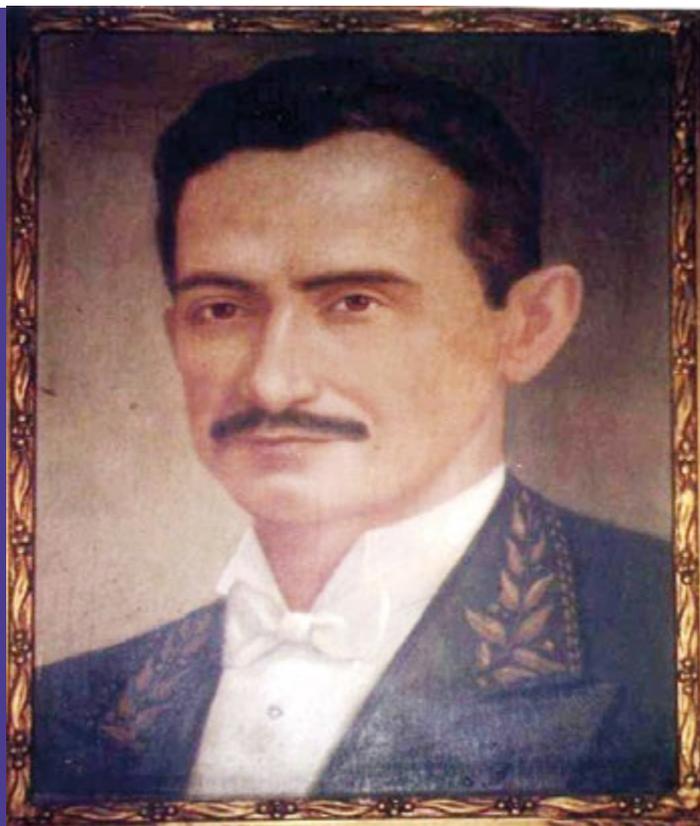
FARIAS BRITO E FREUD - REFLEXÕES SOBRE A INQUIETUDE DO SER HUMANO E O MAL ESTAR DA CIVILIZAÇÃO

O ser humano é um eterno insatisfeito - sumamente peculiar e complexo em suas ações e reações - tornando-se árdua a tarefa de reconhecer/uniformizar o seu comportamento. Por mais que evolua a civilização em seus mais diversificados campos – ciência, tecnologia, filosofia, religião, economia – ei-lo (o homem) atônito, perturbado. Um tema que, curiosa e concomitantemente, ocorre nas obras do filósofo brasileiro Farias Brito (1862-1917) e do célebre psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939).

Homens relativamente contemporâneos – final do século XIX e inícios do século XX – mas que viveram em continentes distintos e vivenciaram situações políticas e sociais igualmente diferentes, senão antagônicas. Freud nasceu em uma família e sociedade cosmopolita que lhe propiciaram independência de pensamento e a própria visão ateísta, enquanto Farias Brito nasceu em um meio pobre, interiorano, mas com valores familiares que delegavam muito apreço pela religião.

Freud, em sua obra “O mal estar na civilização” (1929) aborda o desalento, a destrutividade inerentes à ação humana, definindo que, para o homem “o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Este princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde sua gênese”. O prazer traz inconstância – daí, segundo Freud - a felicidade ser episódica, impossível ao homem. Ainda, segundo o ínclito pensador, o sofrimento humano tem origem em três fontes: a superioridade e imprevisibilidade da natureza; a fragilidade de nosso corpo; e nossa dificuldade no relacionamento com os outros seres humanos. Os dois primeiros acham-se ligados ao universo da inevitabilidade e da finitude, não impedindo, todavia, a marcha da civilização, enquanto na terceira causa (ou fonte) de sofrimento, o homem se insurge contra as normas e leis socialmente estabelecidas, pois nos relacionamentos acham-se as principais fontes do prazer (e, em contraface, do desprazer). A busca da satisfação pelo prazer esbarra na própria constituição do sujeito, da civilização. A vida em sociedade, permeada de regulamentos e limitações das liberdades individuais, ai inclusos os instintos, impulsos e pulsões, objetiva evitar a prevalência da força bruta.

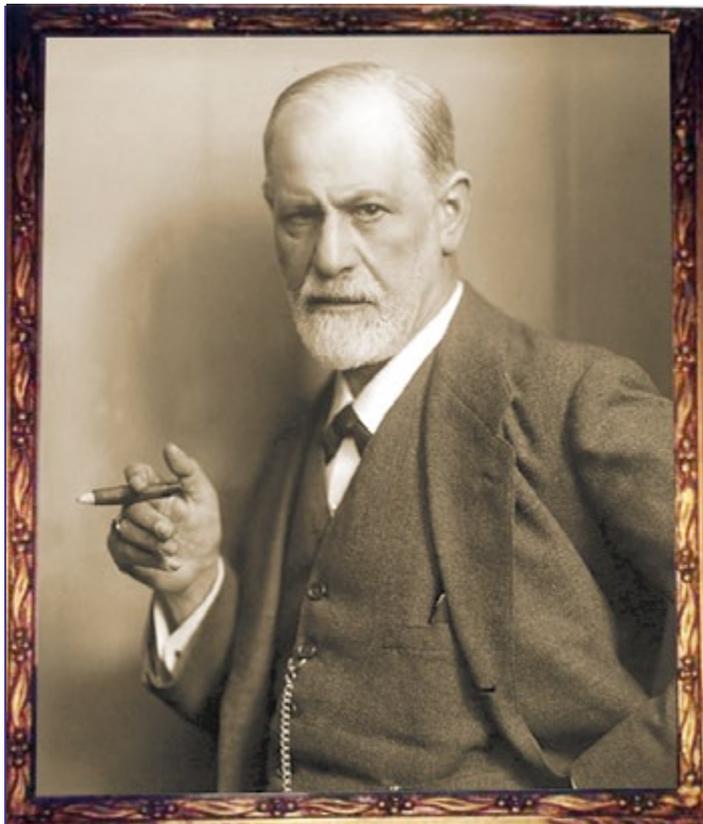
Ainda segundo Freud, o ego, como componente da estru-



tura psíquica humana, vai internalizando desde o nascimento e infância as estimulações a que fica sujeito, isolando/delimitando o que lhe é agradável e o que lhe é desagradável. Ou seja, o princípio do prazer ou da realidade, diferenciando o mundo psíquico do ego (sensações agradáveis) das sensações/estimulações desagradáveis, sejam externas ou internas.

Para Freud, não há uma solução adequada para a desigualdade entre os homens, porquanto suas características pessoais e comportamentais são distintas, o que cria as esferas de desigualdades e injustiças comuns na sociedade. Mesmo que o homem renegasse a posse de bens materiais, incluindo as propriedades territoriais, como pregam os socialistas, a agressividade, comum ao homem, continuaria gerando conflitos, desigualdades e mesmo crueldades, o que pode ser comprovado no crudelíssimo sistema comunista. A felicidade para Freud é um conceito meramente individual, subjetivo, experimental (cada pessoa tem sua percepção acerca). O homem é, em si, hostil à civilização, pois esta, ao regular e reprimir os relacionamentos e instintos, priva o homem de boa parcela de satisfação, “compensando-o” com os benefícios da vida civilizada.

Segundo Farias Brito, adepto da teleologia espiritualista, a causa da insatisfação humana, apesar da cultura e do conhecimento, é o ateísmo, a negação de Deus. Sendo Deus o “princípio de toda existência”, a “razão do homem” e tudo o quanto existe é “Sua inigualável criação”, o Seu não reconhecimento, Sua insuficiência em nosso cotidiano, geram injustiça, desordem e confusão entre os homens. “O homem, começando por transportar Deus para fora do mundo, terminou por negá-lo. E, em época alguma, cumpre notar, chegou esta negação a adquirir tão vasto domínio como na época presente em que não falta quem procure blasonar da ciência, fazendo ostentação de impiedade” (Farias Brito – “Finalidade do mundo” vol.2 – 1899).



A religião é a única forma de pensamento que nos concede o sentido da vida, que nos responde as inquietações, pari passu ou muito além das construções filosóficas e intelectivas humanas. A religião é, pois, segundo Farias Brito, fonte de razão, explicando-nos e descortinando-nos a finalidade do mundo, de toda a nossa existência, da natureza e do universo, tendo como finalidade elevar o espírito às causas condizentes com a nobreza do existir. A sociedade moderna, prossegue brilhantemente o filósofo, substituiu o “mundo moral” pelo materialismo, onde o mercantilismo passou a ditar as regras das relações humanas, inclusive as ligadas à religião e à ciência e somente uma grande ideia moral é/seria capaz de unir e transformar a humanidade.

Para Farias Brito, o processo de transformação da civilização é viável, desde que o homem, de forma racional, abandone os interesses egoístas e materiais, assumindo uma postura sublimada, nobre diante do universo, da civilização e de sua própria existência. “Ao lado do interesse como princípio, logo se coloca a força como instrumento; e da combinação destes dois elementos como forças

motoras da sociedade, o resultado não podia deixar de ser isto mesmo que, no presente, por toda a parte se vê: a sociedade transformada em jogo perpétuo de explorações desumanas, cada um esforçando-se por enganar a todos os outros e todos sentindo-se mal, profundamente mal na coletividade; a virtude rebaixada à condição de simples convencionalismo tradicional, a compaixão eliminada, a caridade suprimida, a sinceridade tida na conta de teimosia banal ou carrancismo atávico; a honestidade considerada como efeito de timidez ou inépcia; a astúcia, a velhacaria, a deslealdade, apontadas como prova de habilidade ou sabedoria” (Farias Brito, “Finalidade do mundo” vol. 2 – GRD-INL/MEC 1979).

Para Brito, o ideal – ou solução – para a transformação social é que o homem repense sua forma de viver em sociedade - um ideal embasado na filosofia, na compreensão da própria natureza, no nível elevado da razão, na magnitude da existência e de sua finalidade maior – que é a elevação do espírito, o exercício da fraternidade e da dignidade. O encontrar-se uma unidade, um objetivo comum que permita uma civilização onde a satisfação, a harmonia se façam presentes.

BRITO – VISÃO SOBRE O CAPITALISMO E O SOCIALISMO

– Farias Brito faz críticas contundentes ao sistema econômico capitalista que se presta tão somente ao acúmulo de riquezas supérfluas para alguns, enquanto milhões morrem de fome sem o acesso à alimentação básica para sua sobrevivência; de igual forma, critica com veemência o socialismo pelo fato desse sistema utilizar-se da luta, da disputa de classes, sem um elemento superior reconstrutor e plenificador. O homem, segundo Brito, não pode nem deve lutar somente por comida, pois isso o nivelaria aos demais animais, mas principalmente por ideias e valores. O número de descontentes se amplia no contexto social, onde reinam o individualismo, os interesses pessoais, o “seu bem estar”, conflitando-se com os interesses maiores da coletividade. “Todas as lutas, todas as divisões, todas as misérias da vida resultam de interesses” (Farias Brito).

Tanto Freud quanto Brito entendem que os grandes conflitos da humanidade decorrem em função da luta entre os interesses individuais e os da sociedade. O homem, em si, sempre insatisfeito com a sua própria construção. Nenhum dos dois tem, contudo, a receita pronta para o problema da insatisfação vigente e insistente no ser humano. Para Freud rotulada de “mal estar” e para Farias Brito de “crise moderna”.

DADOS BIOGRÁFICOS – RAIMUNDO DE FARIAS BRITO

Raimundo de Farias Brito nasceu aos 27-07-1862 em São Benedito (CE), filho de sertanejos. Escritor e filósofo brasileiro, um dos maiores nomes do pensamento filosófico brasileiro e autor de uma das maiores obras filosóficas produzidas em nosso País, onde identificou os planos de conhecimento e do ser, dentro do prisma metafísico e espiritualista. Fez os seus primeiros estudos em Sobral, concluindo o curso secundário no Liceu Cearense. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, onde foi aluno de Tobias Barreto e obteve o título de bacharel (1884). Atuou como promotor e secretário, por duas vezes, do governo no Estado do Ceará. Transferindo-se depois para o Estado do Pará, foi professor na Faculdade de Direito de Belém (1899-1902), aí também atuando como advogado e promotor. Mudou-se para o Rio de Janeiro (1909), vencendo o concurso para a cátedra de lógica do Colégio Pedro II, cargo que exerceu até seu falecimento aos 16-01-1917. Muito religioso, espiritualista, deixando inúmeras obras, onde combate o materialismo e o relativismo, dentre elas “Finalidade do mundo” em 3 volumes (1895-1899-1905); “A verdade como regra das ações” (1905); “A base física do espírito” (1902) “O mundo interior” (1914).

Segundo críticos, sua obra aproxima-se do pensamento metafísico de Bergson (espiritualismo pronunciado) e ainda de Spinoza, merecendo de todos os brasileiros maior atenção e valorização.

CHICO BRUGUDUM, Tipo Pitoresco do Carnaval SÃO- JOANENSE

Por Gentil Palhares

Quando o JUIZ SUPREMO chamou a SEU Regaço a Francisco Chagas, o Chico Brugudum, como era conhecido nesta cidade, encontrávamo-nos na fase conturbada da Segunda Guerra Mundial. Deixou-nos sem ruído, sorrateiro e manso, ao contrário da sua existência, que fora barulhenta, ruidosa.

Chico Brugudum, naquela sua filosofia, era um tipo popular diferente dos que viveram nesta cidade, tais como o Marieta, "Zé da Carne", Luís Bocarra, a Muda e a "Tororó Pão-Duro". O Chico freqüentava as igrejas, arranhava mesmo o latim, conhecia a história política de nossa terra, fatos aqui desenrolados com esse ou aquele cidadão, fatos que, chistosa e zombeteiramente, narrava pelas ruas. "Sei de tudo, conheço os particulares" — afirmava ele.

Como chave da existência, os pais do Chico deram-lhe, em menino, o ofício de carpinteiro, mas não se ajeitando com a profissão compulsória, jamais levou a sério a enxó e o serrote. Preferia os botequins, onde não apenas bebericava, como também ia aprendendo a verrumar as pessoas, sobretudo as honestas, irreverente com as autoridades, as quais, a seu modo, se comprazia em ridicularizar:

"Era!... ladroeira!... ladrão... Jehudiel ladrão, Delegado ladrão!..." Era o que se ouvia, isso, às vezes na ausência da pessoa e vezes outras nas bochechas, na cara do sujeito".

O que o Chico Brugudum sentia era como que um desprezo pelas coisas da vida, sobretudo dos homens, externando no seu praguejar surdo, contundente, o que lhe ia por dentro, daí a reação. Arrastando-se pelas paredes, sempre tonto, desfilava todo o fel da sua mordacidade, acusando, ferindo, apontando "ladroeiras", conquanto irradiando do semblante a expressão da bondade, daí o ser estimado de todos, que viam nele, sob o vitupério, a criatura boa, inofensiva na extensão da palavra. Que lhe não mexessem com a boca, porque, então, desfiava uma série de nomes evidentemente honrados, dignos, cidadãos conspícuos, mas "ladrões, ladrões!" — afirmava ele em altas vozes, praguejando, maldizendo pelas ruas da cidade.

Chico Brugudum nasceu na terra são-joanense, que ele viu transformar-se, de burgo, em florescente comuna, até a sua época de existência terrena. Ajudou no ofício de acender os lampiões das esquinas, das praças e das pontes, e viu, muitas vezes, os carros-de-bois gemendo no seu canto triste, "Lenheiro" abaixo; viu as lavadeiras no seu mister pelos chafarizes públicos, nos Largos Tamandaré, Mercês, Rosário, Carmo e Prainha.

Ao deixar esta vida, não sabemos se levava na paz do coração o Dr. Antônio Viegas e o Jehudiel Torga, íntegros cidadãos aos quais, entretanto, não perdoava com o seu xingatório e as suas já conhecidas expressões.

Havia uma época em que ele mais se expandia: era pelo Carnaval, quando as criaturas, — dizem as línguas verrinosas — tiram a máscara que usam fingidamente, para colocar a que verdadeiramente deveriam usar. O Chico sabia disso e valia-se dos três dias entregues à folia, para afirmar, alto e bom som, por todos os lados:

"Ladrões! Ladrões! Ladroeira!..."

A "ladroeira", nesse caso, na sua filosofia, era referente ao descaso que, nos três dias de MOMO, todos dão aos preceitos da honestidade, da honra e como se estivesse tudo errado. E, no entanto, não era Chico Brugudum um indiferente ao Carnaval, nada disso, pelo contrário, era um autêntico folião, organizador do "Zé Pereira" e do



célebre "CLUBE ZERO", para cujas fileiras arrebanhava ele toda a garotada das ruas e os homens dos botequins que ia encontrando. A fantasia era uma horrorosa máscara e um muito sujo e velho saco de aniagem colocado nas costas. A meninada que não podia comprar máscara, porque o dinheiro que o Chico arrecadara já ele o havia "bebido" todo, ia assobiando e gritando, batendo nas latas velhas, como se fossem cuícas e pandeiros.

Era assim que o préstito percorria as ruas da cidade, ostentando um pavilhão alçado pelo Chico, no qual se lia, no pixe ou no carvão: "BLOCO ZERO! VIVA O BLOCO ZERO! VIVA O BLOCO ZERO!"

O povo, contudo, chamava-lhe, muito acertadamente, "BLOCO DOS SUJOS", porque os que não ostentavam máscara e nem fantasia, lambuzavam a cara e as roupas maltrapilhas com carvão. Formavam, assim, uma farândola de verdadeiros vagabundos, os quais eram comandados pelo Chico Brugudum, no dia mais feliz da sua vida, porque sentia que a ele muitos se nivelavam, olvidando os preconceitos, pessoas de todas as camadas sociais. E é por isso que, todos os anos, quando pelo Carnaval ouço o som das cuícas, o gemido surdo das caixas, o trinado das cornetas, me vem ao pensamento a figura mansa e boa do Chico Brugudum, com aquela sua franqueza, dizendo "verdades", apontando "ladroeiras", na cara, na bochecha dos homens, sobretudo dos que mais primam pela honradez e austeridade em nosso meio, em nossa sociedade, como os excelentes Jehudiel Torga, Augusto e Antônio Viegas.

Foi destemido o Chico Brugudum no seu julgamento, arrastando uma das pernas, gingando o corpo, correndo as mãos pelas paredes e mais arrastando, ainda, o seu sofrimento, a sua dor, que ele levou consigo, na morte, mas positivo e franco, afirmando sempre:

"Era Ladroeira! — ladroeira!..."

"Todo mundo é ladrão!..."

Fonte: PALHARES, Gentil: São João del-Rei na Crônica, p. 63-65.